



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CAMPUS SANTA INÊS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E PEDAGOGIA
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA: LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E
LITERATURAS

ANNE CLAY PRATA ALMEIDA

REESCRITA DO TEXTO *CAÇADAS DE PEDRINHO*, DE REGINA ZILBERMAN

(2020): uma análise discursiva a partir da comparação com o texto original de Monteiro

Lobato (1933, 2016)

Santa Inês – MA

2024

ANNE CLAY PRATA ALMEIDA

REESCRITA DO TEXTO *CAÇADAS DE PEDRINHO*, DE REGINA ZILBERMAN

(2020): uma análise discursiva a partir da comparação com o texto original de Monteiro

Lobato (1933, 2016)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/ Campus Santa Inês, como requisito para obtenção de grau de licenciatura plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cilírio da Silva Neto

Almeida, Anne Clay Prata.

Reescrita do texto *Caçadas de Pedrinho*, de Regina Zilberman (2020): uma análise discursiva a partir da comparação com o texto original de Monteiro Lobato (1933, 2016). / Anne Clay Prata Almeida. – Santa Inês - MA, 2024.

65 f.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cílrio da Silva Neto.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras Licenciatura Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas literaturas, Campus de Santa Inês, Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

1. Reescrita. 2. Discurso. 3. *Caçadas de Pedrinho*. 4. Regina Zilberman. I. Título.

CDU 81'42

ANNE CLAY PRATA ALMEIDA

REESCRITA DO TEXTO *CAÇADAS DE PEDRINHO*, DE REGINA ZILBERMAN
(2020): uma análise discursiva a partir da comparação com o texto original, de Monteiro
Lobato (1933, 2016)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Letras da Universidade Estadual do
Maranhão – UEMA/ Campus Santa Inês, como requisito
para obtenção de grau de licenciatura plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cilírio da Silva Neto

Aprovado em: 10/10/2024

BANCA EXAMINADORA

Antonio Cilírio da Silva Neto

Professor Doutor Antonio Cilírio da Silva Neto (Orientador)

Italo Romon Francisco de Melo Lima Ximenes

Professor(a)

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Robson de Macêdo Cunha

Professor(a)

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre a Deus, por a Vida, a Sabedoria, o Conhecimento e o Respeito. Difícil expressar o que eu sinto neste momento. A pessoa que eu precisava que ouvisse “obrigada” não está mais entre nós: meu amado pai José Aderbal, de todos neste percurso, seria o que mais iria brilhar de alegria por mais uma formação acadêmica minha.

Sinto uma enorme tristeza de não tê-lo presente na formatura de Pedagogia, quando recebi honra ao mérito. Talvez tivesse sido a minha retribuição aos esforços e incentivos por ele demonstrados. E agora num presente ausente faça-se valer o meu amor.

À minha mãe Neusa Maria, obrigada por acreditar em mais um sonho e ajudar a realizá-lo. Embora distante, sempre me confortou dizendo que o conhecimento é que nos faz conhecer-se.

Ao esposo Paulo Almeida, preciso encontrar palavras, onde por vezes não achei, para justificar a minha ausência. Você é um herói, abdicou de momentos, de sentidos, mas não esqueceu que o matrimônio está em um só “corpo”.

À filha Paula Prata, genro Felipe Carvalho e neta Maria Ester, obrigada por entenderem que haveria dias de ausência, de falta de segurança e de apoio: os livros não me deixavam “ir”. Mas vou falar-lhes; também houve noites e madrugadas em que num braço a neta, noutro um livro, e na cabeça um fone (aulas on-line).

Que época! Que tempo foi esse?

Quero esquecer!

Não me senti confortável, longe dos professores e colegas, a dinâmica se faz presente com emoções presentes.

Enfim, passou. Mas deixou marcas e profundas, acreditem. Ah! Como quero agradecer colegas de sala (Kerlla, Vitória, Rebeca, Paulina e outras), sem queixas, por favor, de não citar todas, e colegas que nunca os vi. Mas que foram fundamentais para que pudesse enfrentar a temível tecnologia. Essa me desafiou, mas acreditei que minha força era superior a humilhação que por muitos passei. Verdade, se uns me estenderam as mãos outros de certa forma criticavam, zombavam de mim.

Deus foi soberano, me guardou também de alguns professores, que não tiveram a noção das minhas limitações e nem tão pouco da minha idade (51 anos). Não que me ache velha, longe disso, é que a idade para mim é referência de responsabilidades e de verdades. E

por que então duvidarem? E cobrarem o que me levou ao extremo da noção de realidade. Embora seja um instante para agradecer, quero perdoá-los, não ficaram mágoas.

Sim, sim, não posso esquecer-me de registrar; em contrapartida tiveram excelentes professores nesta trajetória, inesquecíveis. São donos do saber, cautelosos, esmeros em postura, verdadeiros estudiosos. Com o cuidado e a delicadeza aos seus alunos. Dirijo-me aqui em especial ao meu orientador, professor Dr. Antonio Cilírio, que sobrepuja qualquer expectativa do saber. A instituição tem muito disso; não é à toa que nos orgulhamos de ser UEMA.

Para os que lerem esse trabalho, saibam que foi com muita dedicação e estudo que consegui redigi-lo. Cabe a cada um ter a sensibilidade, de ver a Literatura Infantil como referência de um tempo passado que se faz presente.

“Quem escreve um livro cria um castelo, quem o lê mora nele”.

Monteiro Lobato

RESUMO

Reescrever o texto *Caçadas de Pedrinho* tem sido recorrente desde que a obra entrou em domínio público em 2020. Com a profusão de novas edições, Regina Zilberman (2020), se propõe a essa tarefa por acreditar que as obras de Monteiro Lobato devem permanecer vivas no imaginário infantil. Para tanto o objetivo desse estudo é investigar as marcas discursivas da reescrita (2020) de *Caçadas de Pedrinho*, a partir da comparação com o texto original (1933, 2016). Por fazer parte de uma discursão que vem desde 2010, a obra chegou ao Supremo Tribunal Federal acusada de teor racista. E nesta perspectiva levando em consideração as quatro operações linguísticas (adição, substituição, supressão e deslocamento) que se apresentam nos processos de revisão e reescrita alguns questionamentos são levantados; desde a manter a escrita original de Monteiro Lobato de 1933, ou banir as passagens tidas como racistas, e até mesmo os paratextos contextualizando a obra ao momento histórico. Para esse fim, fomos direcionados a alguns autores como Lajolo (2011), Van Dijk (2005), Pêcheux (1990), Orlandi (2009), Bakhtin (1997), Fiorin (1990), Matêncio (2002), Fiad e Barros (2003), Fabre (1986) e outros que embasaram essa pesquisa no que tange a Literatura, Leitura, Racismo, Análise do Discurso, Ideologia, Reescrita e Operações Linguísticas; ponderando assim que o discurso além de considerar o momento histórico/sociológico em que a obra foi escrita (texto original) que se possa pensar numa reescrita partindo do pressuposto que o conceito que a criança tem nesta fase é o de tempo histórico, pois segundo Vygotsky (2009)[1934] a criança não tem acesso direto a um “mundo” puro e atemporal, mas o entende dentro dos limites e das mediações impostas pelos materiais que o constituem, da história que o formou e da linguagem que o organiza. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa que, além da revisão da literatura, contou com dois movimentos lineares: da leitura do texto original de Monteiro Lobato (1933, 2016) e do atual a reescrita de Regina Zilberman (2020). Considerou-se que a reescrita de *Caçadas de Pedrinho*, longe dos padrões de um discurso artificial, inerente ao relato original defendeu-se com veemência a personagem sentenciosa Tia Nastácia, singelamente abusada na linguagem estereotipada. Na reescrita Zilberman nos direciona com singeleza ao seu discurso. Não é um texto anódino, muito pelo contrário também mostra uma linguagem com necessária vinculação ao contexto histórico, com respeito aos direitos e dignidade ao negro, pois estamos em um caminho sem volta, um tema que nos deixou com um cisco na retina dos olhos. Não se é mais permissível e nem permitido, mesmo diante de uma constelação chamada Monteiro Lobato, ressentimentos em dada medida de um “imediatismo”, onde os austeros volumes de edições da obra, não sejam capazes de postular crenças, mas sim os rótulos que nos guiaram às análises, e ao amadurecimento do Estado Democrático de Direito.

Palavras-chave: Reescrita. Discurso. *Caçadas de Pedrinho*. Regina Zilberman.

ABSTRACT

Caçadas de Pedrinho has been frequently rewritten since the work entered the public domain in 2020. With the proliferation of new editions, Regina Zilberman (2020) has taken on this task, believing that Monteiro Lobato's Works should remain alive in children's imagination. The aim of this study is to investigate the discursive marks of the rewrite (2020) of "Caçadas de Pedrinho" through a comparison with the original text (1993, 2016). Since 2010, the work has been part of a discussion and has reached the Supreme Federal Court accused of racist content. In this perspective, considering the four linguistic operations (addition, substitution, suppression and displacement) that are involved in the processes of revision and rewriting, several questions are raised. These range from preserving Monteiro Lobato's original writing from 1993 to eliminating passages deemed racist, and even removing the paratexts. To contextualize the work within the historical moment, we have been directed to several authors such as Lajolo (2011), Van Dijk (2005), Pêcheux (1990), Orlandi (2009), Bakhtin (1997), Fiorin (1990), Matêncio (2002), Fiad and Barros (2003) and Fabre (1986). Other studies that underpinned this research regarding literature, reading, racism, discourse, analysis, ideology, rewriting and linguistic operations; considering that discourse not only takes into account the historical/sociological context in which the work was written (original text) but also allows for considering a rewrite assuming that the concept that the child at the stage, the crucial aspect is historical time because, according to Vygotsky (2009) [1934], the child does not have direct access to a pure and timeless "world" but understands it within the constraints and mediations imposed by the materials that constitute it, the history that shaped it, and the language that organizes it. Methodologically, this concerns a qualitative bibliographic research, in addition to the literature review, involved two linear movements: first, a reading of the original text by Monteiro Lobato (1993, 2006), and second, an updated rewriting by Regina Zilberman (2020). It was considered that the rewriting of "Caçadas de Pedrinho", diverging from the standards of an artificial discourse inherent in characterizing Tia Nastácia as a sententious figure, Zilberman skillfully guides us through her discourse while defying stereotypical language. The rewrite isn't anodyne; quite the contrary, it adeptly presents a language intricately intertwined with the historical context, respecting the rights and dignity of Black individuals. We find ourselves on an irreversible path, grappling with an issue that leaves a lingering impact. It is neither more permissible nor allowed, even in the presence of a constellation named Monteiro Lobato, to harbor resentments to a certain extent due to an "immediacy", where the austere volumes of editions of the work are not capable of positing beliefs, but rather the labels that have guided us to the analyses and maturation of the Democratic Rule of Law.

Keywords: Rewriting, Discourse. Caçadas de Pedrinho. Regina Zilberman.

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-------|---------------------------------------|
| IBAMA | Instituto Brasileiro do Meio Ambiente |
| MEC | Ministério da Educação e Cultura |
| STF | Supremo Tribunal Federal |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1: Original Monteiro Lobato (1933)..... | 22 |
| Figura 2: <i>Caçadas de Pedrinho</i> , Monteiro Lobato (2016)..... | 23 |
| Figura 3: Aparecimento da onça no Sítio | 25 |
| Figura 4: Caçada a onça..... | 26 |
| Figura 5: Requite de crueldade..... | 26 |
| Figura 6: Transportam a onça..... | 27 |
| Figura 7: Assembleia dos bichos..... | 27 |
| Figura 8: Defesa em pernas de pau..... | 27 |
| Figura 9: Reescrita de <i>Caçadas de Pedrinho</i> , Regina Zilberman (2020)..... | 33 |
| Figura 10: Rinoceronte fica no Sítio..... | 35 |
| Figura 11: Personagens da Turma da Mônica..... | 35 |
| Figura 12: Cena das personagens da Turma da Mônica..... | 36 |
| Figura 13: Personagens em ação..... | 36 |
| Figura 14: Levam a onça morta ao Sítio..... | 36 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1: Exemplos de adição com grafema e sintagma..... | 44 |
| Quadro 2: Exemplo de adição com pontuação..... | 42 |
| Quadro 3: Exemplos de supressão com frases..... | 43 |
| Quadro 4: Exemplos de substituição com palavras..... | 44 |
| Quadro 5: Exemplo de substituição com sintagma nominal..... | 45 |
| Quadro 6: Exemplos de deslocamento..... | 45 |
| Quadro 7: E era onça mesmo!..... | 51 |
| Quadro 8: A volta para casa..... | 51 |
| Quadro 9: Os espões da Emília..... | 51 |
| Quadro 10: A defesa estratégica..... | 51 |
| Quadro 11: Aparece uma nova menina..... | 52 |
| Quadro 12: O assalto/O ataque das onças..... | 52 |
| Quadro 13: Emília vende o rinoceronte..... | 52 |
| Quadro 14: O Rio de Janeiro é avisado..... | 53 |
| Quadro 15: Inaugura-se a linha..... | 53 |
| Quadro 16: Rinoceronte familiar..... | 53 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 A IDEOLOGIA “PRECONCEITUOSA” DO INÍCIO DO SÉCULO XX (LINGUAGEM E HISTÓRIA) | 18 |
| 3 O DISCURSO RACISTA EM <i>CAÇADAS DE PEDRINHO</i> DE MONTEIRO LOBATO (1933, 2016) | 22 |
| 3.1 Linhas gerais da trama | 25 |
| 3.2 Marcas textuais com teor racista | 28 |
| 4 METODOLOGIA | 32 |
| 5 REGINA ZILBERMAN E A REESCRITA DE <i>CAÇADAS DE PEDRINHO</i> (2020) LIÇÃO DE COISAS: escritora visionária de uma sociedade moderna | 33 |
| 5.1 O que é reescrita? | 37 |
| 5.1.1 <i>Adição</i> | 41 |
| 5.1.2 <i>Supressão</i> | 42 |
| 5.1.3 <i>Substituição</i> | 44 |
| 5.1.4 <i>Deslocamento</i> | 45 |
| 6 LOBATO X ZILBERMAN (O DITO E O NÃO DITO) | 48 |
| 6.1 De <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933, 2016) a <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) | 51 |
| 6.2 Uma ideia que deu certo: o discurso sob medida (reflexões) | 54 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 58 |
| REFERÊNCIAS | 60 |

1 INTRODUÇÃO

A análise da reescrita do Livro *Caçada de Pedrinho* de Regina Zilberman, assunto presente nos estudos literários no que diz respeito ao racismo tomou uma dimensão inescapável no universo da leitura infantil. A intersecção entre os discursos de Monteiro Lobato (1933) na edição original com Zilberman (2020) é surpreendente e sobrepuja o mero engenho crítico.

Ainda que evidentemente inconclusivas as acusações de teor racista na obra (edição original) cabem reflexões a despeito de certas artimanhas lobatianas. É fato que o absurdo causa espanto, mas Zilberman (2020) busca o argumento que pode convencer. Definindo-se, costumeiramente, de modo bastante claro, certas linhas delineadoras em sua reescrita do texto *Caçadas de Pedrinho*; o que propõe é discutível e suas fronteiras são tênues.

Uma obra em que o tema racismo é acintosamente abordado *Caçadas de Pedrinho* versão original (1933) deixa marcas da cultura que atravessam o tempo com uma linguagem característica, mas com um espaço temporal capaz/possível de ser reescrita de acordo com concepções vigentes. Para tanto, a obra se apresenta com uma nova roupagem (quanto às marcas textuais com teor racista) ganhou aceitação nos sisudos tempos atuais.

Em meio às essas discussões sobre o racismo na obra; pensando na rescrita de Zilberman (2020), compreendida nesta monografia como um desafio com características que lhe conferem qualidade literária, desde a estruturação à ilustração por Maurício de Sousa; este estudo se debruça em ferramentas dimensionais expressivas no que tange incutir um pensamento crítico a criança.

A propósito disso, ilustramos essa assertiva com a seguinte afirmação, muito apropriada para o que pretendemos ao longo da monografia:

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus afazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção (Paulino, 2004, p. 56).

A ideia alinha-se ao o conceito de reescrita quanto aos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos. Ressalva-se que meu propósito nesta pesquisa, apenas na análise discursiva da reescrita do texto *Caçadas de Pedrinho*, de Regina Zilberman (2020)

evidenciando as operações linguísticas de “supressão” e “substituição”, contudo, dando um *spoiler* de outras operações linguísticas (é necessário instrumentalizar esses conceitos) presentes. Visto que, a escolha de conceitos que apoiem uma monografia não é uma tarefa fácil e nem sempre promissora.

Cabe assinalar que mesmo com a supressão de trechos seguida de substituição o texto flui concomitantemente com os ideais de leitura dinâmica e consciência de produção. O fato de o texto obscurecer a ideologia racista; não significa que na escola os professores não possam ressaltar a literatura por um viés crítico, muito pelo contrário é momento oportuno para delinear parâmetros circunstanciais que definem uma educação leitora.

Notadamente, perscrutamos a importância da escola nesse processo da leitura, para Zilberman (2003) e Lajolo (1993) sendo a educação outro direito de todos, a escola tem sido, ao longo da história, uma importante agência de acesso à leitura e à literatura. Há uma forte e complexa relação entre a literatura, em especial a infantil, e a escola.

Essa concepção dialoga com ideias de Vygotsky, um dos interlocutores desta pesquisa. Para esse autor:

o desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual. [Todo desenvolvimento do pensamento e da linguagem da criança, que para Vygotsky estão intimamente ligados, tem origens sociais, nas trocas comunicativas com os adultos.] As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana (Vygotsky, 1998, p. 190).

Assim, pensando com estes autores, e tendo em mãos um clássico da Literatura Infantil, publicado originalmente em 1933 e que foi tema de discussão nos últimos anos (chegando ao STF – Supremo Tribunal Federal) por marcas acentuadas no texto com teor racista (“negra beijuda” e “macaca de carvão”) é que nasceu o propósito de averiguar as operações linguísticas de “supressão” e “substituição” na reescrita de Zilberman assim que a obra entrou em domínio público. Disto, reforça que “[...] a literatura pode corroborar com ideias racistas e preconceituosas, dependendo de como se tece os personagens (Oliveira, 2003, p. 110)”.

A Luz dessa abordagem, presumivelmente para proteger-se, na reescrita de *Caçadas de Pedrinho* de Zilberman (2020), marcas textuais com teor racistas foram automaticamente substituídas e até mesmo suprimidas. Nesse processo é possível uma análise discursiva da obra partindo da comparação com o texto original de Monteiro Lobato?

Disso, Cademartori (2009), afirma que:

Ao criar um mundo próprio, a literatura reage ao mundo fora do texto, desviando-se dele, revogando suas leis naturais, revertendo e revisando seus postulados, suas crenças. (...) O discurso literário só avança na contramão e é desse modo que consegue tornar audíveis as mais diferentes vozes, estabelecer diálogos diversos e inusitados, acolher o próximo e o distante, o estranho e o familiar. Se o faz é porque oferece mitos e contramitos, capazes de abalar o que acreditamos ser inquestionável, o que supúnhamos sentir e pensar. É por ser múltipla que a literatura oferece um espaço de liberdade (Cademartori, 2009, p.50).

Em que pesem tais considerações, este é um dos focos da minha pesquisa, que tem como objetivo geral: Investigar as marcas discursivas da reescrita de *Caçadas de Pedrinho*, de Regina Zilberman, a partir da comparação com o texto original de Monteiro Lobato. Quanto aos objetivos específicos: Verificar o contexto linguístico/histórico da escrita lobatiana em *Caçadas de Pedrinho* (1933); apresentar as marcas textuais/discursivas de teor racista da versão original de *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato; refletir as mudanças discursivas ocorridas com a reescrita e/ou refacção do texto *Caçadas de Pedrinho*, de Regina Zilberman (2020).

Dos temas que venho me ocupando, nos últimos anos, como estudante de Pedagogia e Letras me propus com olhar cauteloso e analítico a estudar textos de Monteiro Lobato, dos quais com significância exposta, me direcionou a análises desde histórico/sociológica, linguística e discursiva (ideologia). Das quais, destas duas últimas se vale esse trabalho monográfico.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, além da revisão bibliográfica, contou com dois movimentos lineares: da leitura do texto original de Monteiro Lobato (1933, 2016) e do atual a reescrita de Regina Zilberman (2020).

No escopo desse trabalho verificar-se-á a presença enfática de fundamentações de Feres, Nascimento, Eisenberg (2013), visto que, detalha de forma salutar a escrita lobatiana em referência a personagem Tia Nastácia, portanto linguagem e tempo histórico entrelaçados.

Esta monografia está estruturada em seis (6) partes: da primeira; a Introdução se faz luz¹ para elucidar os caminhos a serem percorridos.

No segundo capítulo denominado A Ideologia Preconceituosa do Início do Século XX (Linguagem e História) vem com a intenção de justificar a linguagem racista na obra de acordo com o contexto histórico/sociológico em que o texto foi escrito.

¹ Grifo nosso.

O Terceiro Capítulo destina-se O Discurso Racista em *Caçadas de Pedrinho* de Monteiro Lobato (1933, 2016), para tanto, subdividindo-se em: Linhas gerais da trama e Marcas textuais com teor racista.

Seguindo, temos a Metodologia como o quarto capítulo.

Na sequência o quinto capítulo, foco primário, com Zilberman e a Reescrita de *Caçadas de Pedrinho* (2020) Lição de coisas: escritora visionária de uma sociedade moderna. Secundário: O que é reescrita? Na posição de terciários aparecem as operações linguísticas: Adição, Supressão, Substituição e Deslocamento.

Dando continuidade, o sexto capítulo intitulado Lobato X Zilberman (O dito e o não dito), subdividindo-se também em: De *Caçadas de Pedrinho* (1933,2016) a *Caçadas de Pedrinho* (2020) e Uma ideia que deu certo: o discurso sob medida (reflexões).

O sétimo e último capítulo reitera-se, sem embargo, uma ressalva, importante para as considerações deste trabalho.

Logo, ainda que não em termos absolutos, as reflexões propostas nesta pesquisa possam, assim, colaborar para que o legado de Monteiro Lobato não seja esquecido e que assim como Regina Zilberman, outros autores tenham iniciativas na reescrita de seus textos perpetuando assim na memória das crianças uma Literatura de qualidade e história.

2 A IDEOLOGIA “PRECONCEITUOSA” DO INÍCIO DO SÉCULO XX (LINGUAGEM E HISTÓRIA)

Início do século XX, os abolicionistas recebiam influência estrangeira de intelectuais quanto à ideologia do branqueamento numa sociedade baseada nas teses do racismo científico. Estudiosos brasileiros como Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e outros estavam envolvidos em projetos quanto a miscigenação e conseqüentemente da identidade nacional.

Também pode-se notar em 1918, Monteiro Lobato desenvolveu um projeto de reeducação direcionado a “a elite brasileira” com o intuito de estimular uma reflexão sobre os problemas econômicos e sociais do país (SKIDMORE, 1976, p. 187). Podemos inferir que Lobato escreveu numa época em que várias correntes ideológicas fomentavam o mundo. Era um homem envolvido com denúncias aos problemas sociais. Através do seu discurso, ele era um formador de opiniões, ou melhor, formador de leitores e de ideias. Fato este observado na seara dos seus livros, bem como, em toda sua trajetória desde editor arguto a visionário progressista.

Correlacionado com os estudos, J. Roberto Whitaker Penteado pondera que “a literatura infantil pode exercer poderosa influência sobre as opiniões, atitudes e ações das pessoas adultas” e que “Lobato tendo buscado influenciar a sociedade por diversos meios, sem sucesso ou com sucesso apenas limitado, deliberadamente escolheu os livros para as crianças como veículo de transmissão persuasiva de sua ideologia, assim como dos valores que lhe eram caros” (Penteado, 2011, p. 297).

O sujeito é o que “existe socialmente, interpelado pela ideologia” (Brandão, 2004, p. 110). Para Fiorin (1990, p. 28), ideologia diz respeito ao conjunto de ideias, representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações por ele mantidas com seus pares na sociedade. Era uma época marcada pela acentuada divisão de classes (a elite branca posta como modelo de sociedade). Via-se o negro o símbolo da dificuldade que limitava o crescimento nacional.

Os ares afiguravam-se que de 1900 a 1920 praticamente não havia história com personagens negros, para (Gouvea, 2005), “era quase ausente, e quando referido ocasionalmente como parte doméstica”. O quadro se alterou substancial e perenemente em 1930, a participação “negra” passa a ser quase maciça, numa relação cultura brasileira x africana; tradição oral, resgate das origens culturais, etc.

Nessa atmosfera a Literatura de Lobato se torna pioneira no Brasil; apresenta a personagem “negra” tia Nastácia (um grupo social diferente): empregada doméstica, lenço na cabeça, avental cobrindo o corpo gordo, eterna cozinheira e babá, sem escrita, contadora de história, detentora do saber popular. A maior difusora dos credos lobatianos.

Isso leva a uma importante constatação, Lobato descortina sua visão de mundo. Quando tia Nastácia chama “sinhá” (Lobato, 2016, p. 39), reproduz o racismo estrutural no mesmo caso quando diz “negro também é gente” (Lobato, 2016, p. 148). Flagrante observar que as palavras ganham significados e sentidos no contexto ideológico no qual estão inseridas, ou melhor, na materialidade dos signos. Uma citação pontual, Faraco (2019),

[...] agimos, fazemos, produzimos e, ao mesmo tempo, recobrimos nosso fazer e seus produtos com uma densa trama de valores, imagens e discursos. Costuma-se dizer que a cultura tem uma fase material e outra imaterial. Os dois adjetivos nos ajudam a ordenar a multiplicidade constitutiva de todo um modo de vida. No entanto, pode-se dizer que a face imaterial tem também sua materialidade, pois ela é feita de signos (Faraco, 2019, p. 51).

Preliminarmente, o que se pode aventar é que, ao longo dos anos com vistas a entender o processo, embora Lobato tenha escrito *História de Tia Nastácia*, enaltecendo a cultura popular; Emília é avessa às características físicas de tia Nastácia; contra a forma coloquial de linguagem; causa-lhe náusea a sua cor da pele e até adjetiva-a de “negra beijuda”. No que tange a discursão em torno:

A linguagem que Lobato usa para se referir à Nastácia é “pejorativa e desmoralizante”. Em primeiro momento, podemos afirmar que tal linguagem é desmoralizante mesmo sem necessidade de fazer uma interpretação histórica da dinâmica da mudança linguística em nossa sociedade e suas consequências políticas e institucionais. Interpretação essa necessária para se discutir adequadamente a questão do politicamente correto. Parece-nos que essa distinção inicial é importante e tem um papel heurístico na consecução de nosso objetivo. Esse primeiro momento corresponderia a uma interpretação da linguagem de Lobato dentro de uma perspectiva Kantiana, ou seja, assumindo somente a racionalidade do indivíduo como condição de sua autonomia moral² (Feres; Nascimento; Eisenberg, 2013, p. 86).

Ainda preso aos padrões do século passado (linguagem pesada acadêmica), Lobato propõe uma literatura que se libertasse do Vernaculismo Camiliano (preocupações formais de caráter Naturalista e Parnasianista).

² Para uma distinção clara entre teoria moral kantiana e hegeliana ver Rorty (1993). E, para a teoria moral do autor alemão, Kant (1964). Kant de fato adiciona a boa vontade como outra condição. Além da racionalidade, para se chegar à lei moral, mas isso é de se supor que Nastácia, a boa negra”, tivesse (Feres; Nascimento; Eisenberg, 2013, p. 86).

[...] Na verdade tais preocupações teóricas surgiram em grande medida no século XX, com o movimento que ficou conhecido como virada linguística. [...] A virada linguística se espalhou por outros campos de investigação inclusive pela teoria política, que lida com assuntos pertinentes a nossa reflexão presente. Se a linguagem se altera com o tempo e se a condição humana está inextricavelmente imersa nela, então as próprias noções morais que baseiam nossas instituições políticas, noções essas necessariamente expressas pela linguagem, também mudam ao longo da história (Feres; Nascimento; Eisenberg, 2013, p. 87).

Uma dessas primeiras constatações é o fato de o próprio Parecer 15/2010³ que dá respaldo legal, moral de ativistas e educadores que lutam por políticas que combatam o racismo. Com algumas ditas o Parecer propõe: a obra ser utilizada quando o professor tiver a compreensão dos processos geradores do racismo no Brasil; colocar a linguagem de Lobato numa perspectiva histórica; o parecer não cita banimento; não nega a qualidade literária, só alerta para os estereótipos; o professor orientar e contextualizar e notas de rodapé; destaca uma ideologia racista; o juiz diz que Lobato foi filho de seu tempo e que não se afastou do pensamento da elite da época (um determinismo ditado).

Ora, se essa interpretação linguística e histórica está correta, então somos obrigados a concluir que em um dado momento da vida de uma sociedade há um conjunto de usos e significados linguísticos que são aceitos pelos parceiros de interação social, os cidadãos, e outro conjunto de usos e significados proscritos, por serem considerados ofensivos, pejorativos, estereotipantes etc., seja para grupos específicos ou para o cidadão geral (Feres; Nascimento; Eisenberg, 2013, p. 89).

Como se pode averiguar, é fato que em 1933, racismo não era crime, somente com a Constituição de 1988, artigo 5º, inciso XLII, “a prática de racismo é crime”. Portanto, certas construções linguísticas eram cabíveis.

O mesmo se deu com termos pejorativos endereçados aos negros, os quais eram usados em abundância no passado não muito remoto, mas aos poucos foram sendo proscritos das interações cotidianas e dos usos públicos da linguagem. Referências a características fenotípicas exageradas, com o intuito de marcar animalidade e falta de racionalidade. Como faz Lobato; redução da pessoa à cor da pele, como na substituição de seu nome pela referência *a negra* ou *a preta*; esses são usos linguísticos não mais aceitos pelo sistema de valores democráticos de nossa sociedade. E não são aceitos porque denotam claramente a associação entre fenótipo e inferioridade moral, ou seja, por ser uma prática racista, não somente em termos kantianos abstratos, mas segundo os padrões atuais (Feres; Nascimento; Eisenberg, 2013, p. 89).

³ “Exigir da editora responsável pela publicação a inserção no texto de apresentação de uma nota de rodapé explicativa e de esclarecimentos ao leitor sobre os estudos atuais e críticos que discutem a presença de estereótipos raciais na literatura” (BRASIL, 2010, p. 5).

O excerto deixa entrever, um nome decisivo que orientou Lobato na perspectiva de associação do negro a inferioridade, ao animalesco; foi Gustavo Le Bon⁴ (associava determinada etnia com características de alguns animais) com o zoomorfismo.

Importa ainda afirmar, de acordo com Silva (2008), Lobato terminou de escrever sua obra por volta de 1940, nada mais justo que ponderarmos sua escrita, tendo em vista que a literatura é reflexo de uma sociedade.

No caso da obra lobatiana caracteriza uma produção surgida num país cuja sociedade buscava seus caminhos em meio às consequências de um demorado escravismo e de um recente encontro com os ideais republicanos. Os estertores de um sistema deixado para trás se mesclavam com os preconceitos e com um acentuado europeísmo, e neles se prolongavam (Silva, 2008, p. 52).

Conforme é possível perceber, se a sociedade do período induziu a formação do pensamento racial e a construir um sentimento de nacionalidade, lobato certamente sabia o que estava por trás de seu discurso. Vasconcelos (1982, p. 19) garante que “as circunstâncias em que a obra infantil de Lobato foi escrita deixam claro que ela não pode se entendida dissociadamente das posições e problemas que ele se colocava”. Corroborando o pensamento de Vasconcelos (1982), vamos agora entender como o literata produziu essa narrativa ficcional.

⁴ Gustave Le Bon foi um psicólogo social, sociólogo e físico amador francês. Foi o autor de várias obras nas quais expôs teorias de características nacionais, superioridade racial, comportamento de manada e psicologia de massas. As ideias de Le Bon exerceram notável influência sobre o escritor brasileiro Monteiro Lobato (SOUSA, Cynthia Pereira de (Org.). História da educação: processos, práticas e saberes. São Paulo: Escrituras, 1998.

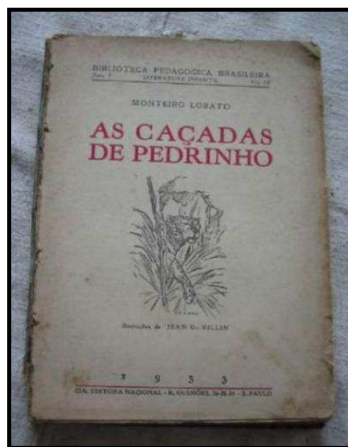
3 O DISCURSO RACISTA EM *CAÇADAS DE PEDRINHO* DE MONTEIRO LOBATO (1933, 2016)

Lobato foi um homem com um projeto além de seu tempo, procurou incutir em seus textos a natureza cristalina que tanto defendia na literatura. Ele escreveu, reescreveu seus textos quantas vezes fosse necessário. Mudava o título, acrescentava fatos a narrativa, retirava trechos, etc. Não tinha “papas” na língua, falava o que pensava e escrevia a seu modo. Sua linguagem foi trabalhada sempre em consonância com o contexto histórico e sociológico da época. Ademais, “a linguagem contém uma visão de mundo, que determina nossa maneira de perceber e conceber a realidade, e impõe-nos essa visão” (Fiorin, 1990, p. 52).

A literatura para Lobato era algo extraordinário, ele usou de sua escrita para criar os mais belos textos infanto-juvenis, embora alguns a crítica ainda esteja em debate quanto ao teor racista na obra. No caso *Caçadas de Pedrinho*, que molda o espírito infantil próximo a natureza, mas quando se pensa tê-la apreendido, ei-la que escapa, mas só quem não leu Lobato na infância é capaz de confrontá-lo num debate racial que de 2010 persiste até os dias atuais.

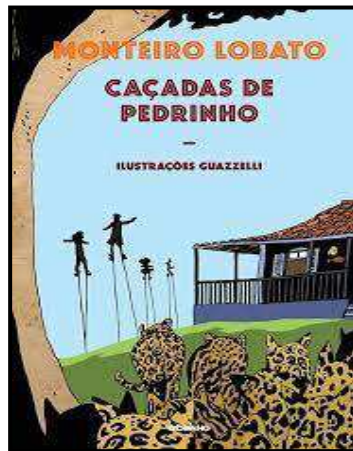
O que se ganha e o que se perde? Talvez agora com seus livros em domínio público, possamos nos deleitar com algumas escritas, capazes de renascer o entusiasmo e o encanto a literatura infantil. Neste caso, a narratividade de uma história ficcional. Com mais força na discussão contemporânea a ela.

Figura 1: Original de Monteiro Lobato (1933)



Fonte: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcR730rVITbI6GtCSDSRPoZ8qw38G3Kt3ObuNw&usqp=CAU>

Figura 2: *Caçadas de Pedrinho* Monteiro Lobato (2016)



Fonte: <https://tse4.mm.bing.net/th?id=OIP.i46fzVoc1kNm4Z8sncgv7QHaha&pid=Api&P=0&h=180>

É mister perceber que a mensagem de Lobato em *Caçadas de Pedrinho* (1933) seria clara e inteligível a qualquer leitor que estivesse ciente de um discurso com objetivos e propósitos terceiros e estranhos. Disto, a historiadora Diwan (2007) em sua obra sobre a Eugenia⁵ no Brasil, percebe que o autor usou da literatura como meio para falar indiretamente o que não podia dizer às claras. Para tanto, ela cita uma das cartas de Lobato, de setembro de 1930, em que o próprio afirma: “É um processo indireto de fazer eugenia, e os processos indiretos, no Brasil, *work* muito mais eficiente” (Diwan, 2007, p. 111).

Estudos assinalam que Lobato era adepto ao movimento eugênico no Brasil, amigo íntimo de Renato Kehl⁶:

Tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti devia eu dedicar meu ‘choque’, grito de guerra pró-eugenia. Vejo que errei não te pondo lá no frontispício, mas perdoarás a este estrompado amigo. Quando passares na Leite Ribeiro [Livraria no Rio de Janeiro] entra e pega com a caixa o exemplar que te destinei. Precisamos lançar, vulgarizar estas ideias. A humanidade precisa de uma coisa só: poda. É como a vinha (Lobato apud Diwan, 2007, p. 107).

⁵ A definição do termo eugenia foi desenvolvida pelo cientista inglês Francis Galton, significando “bem nascido”. Galton definiu a eugenia como “O estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente” (apud Goldim, 1998, não paginado).

⁶ Foi médico e um dos grandes expoentes no desenvolvimento da Eugenia e ciências afins no Brasil. As ideias de Kehl sobre o tema se apoiaram inicialmente nas contribuições de Francis Galton, que considerava a Eugenia como o aprimoramento das qualidades raciais humanas, tanto no ponto de vista hereditário, quanto do desenvolvimento físico, psíquico e moral. Boletim – Academia Paulista de Psicologia. Vol. 39 nº. 97 São Paulo jul./dez. 2019. Periódicos Eletrônicos em Psicologia <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>

Frente ao exposto, pode-se dizer que a burguesia branca da década de 1920, em sua maior parte simpatizava às ideologias do racismo (supremacia branca) que era posta como modelo de sociedade. Se pensarmos nesse período da história a elite branca já via os negros como inferiores desde o período colonial. Portanto, alguns aspectos na biografia de Lobato já deixam rastros que nos diz muito sobre sua ideologia preconceituosa; desde sua linhagem as suas correspondências pessoais.

Uma consideração importante reside no desdobramento de um ponto que indagamos reiteradamente que é o racismo por trás da escrita de *Caçadas de Pedrinho*. Lobato usou em seu discurso de estratégias e efeitos consideravelmente pretendidos, na destruição da barreira de sisudez.

Mas, segundo Fiorin (1990),

O discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente heterogêneos. A pesquisa hoje precisa aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáticos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos (Fiorin, 1990, p. 177).

Observa-se, que o discurso está totalmente relacionado às posições ideológicas dos sujeitos, e esses são organizados com ideias, valores e crenças. Para Melo et al. (2009),

O discurso está totalmente relacionado às posições ideológicas dos sujeitos. O discurso é a materialização ideológica, e que o sujeito é constituído em Sujeito pela ideologia. Logo, a língua como discurso não pode ser dissociada de seus falantes (Pêcheux, 1990 apud Melo et al., 2009).

De todas as questões aqui ressaltadas, Lobato escreveu de acordo com suas convicções, os ecos da biografia lobatiana descortina sua visão de mundo expostas as proporções relativas. Orlandi (2009) entende que a produção de sentido do discurso é determinada pelo contexto social, histórico e por sua condição de produção.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha relação língua, discurso e ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (Orlandi, 1999, p. 17).

Ademais para a autora, o funcionamento de um discurso é “[...] a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado com finalidades específicas” (Orlandi, 2009, p. 197). Exatamente por isso, não passa totalmente despercebidas vozes e dicções das personagens da narrativa com uma oratória inflamada, inferindo-se que um dos objetivos de Lobato para seu projeto infantil era difundir a ideia de “superioridade branca” e de “inferioridade negra”.

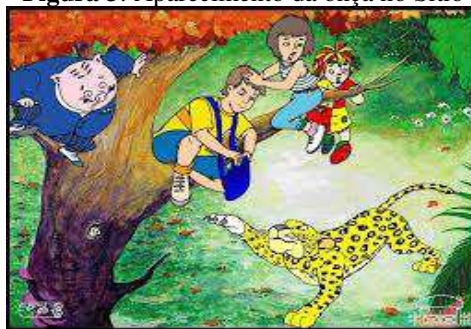
3.1 Linhas gerais da trama

O livro *Caçadas de Pedrinho* é uma aventura das personagens do Sítio do Picapau Amarelo em busca de uma onça pintada que ameaçava invadir a propriedade e a captura do Rinoceronte Quindim que foge de um circo e vai se acomodar no Sítio juntamente com a garotada. Portanto, duas temáticas em que os narradores não são exitosos com tratamento protocolar, em especial à personagem Tia Nastácia.

Apesar de se apresentarem histórias, aventuras vividas por um grupo de personagens, a parte expositiva da narração é bastante restrita. O autor reduz ao mínimo a sua participação de narrador, passando a palavra a suas personagens (Martins, 1972, p. 228).

No primeiro momento da narrativa os personagens Pedrinho, Narizinho, Emília, Visconde e Rabicó, saem em busca da onça, portando suas armas (espeto, faca, arco de barril, espingarda e canhão) dão início à aventura.

Figura 3: Aparecimento da onça no Sítio



Fonte: <https://encrypted->

[tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRjcEwGbE3oleC9cVywoUr_gPuviXSJvkx8A&usqp=CAU](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRjcEwGbE3oleC9cVywoUr_gPuviXSJvkx8A&usqp=CAU)

Figura 4: Caçada a onça

Fonte: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTTrw35UDcsljgl1YQ5PQdpILSrcKWztJgBQ&usqp=CAU>

Ao redor do sítio matam a onça com requintes de crueldade, mesmo o animal caído, cada um começa a utilizar suas armas. Sem olhar de condescendência e nem preocupação com amarras do convencionalismo, não dão asas ao “Politicamente Correto”.

Figura 5: Requite de crueldade

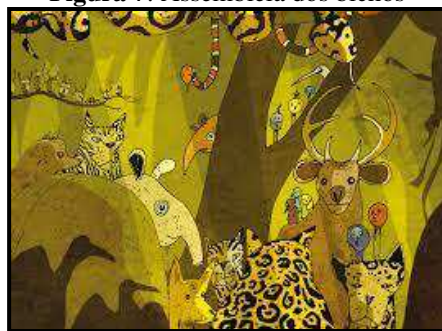
Fonte: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRyi_m-9KY4kaF492t4Hqxt5nN0KIzv0oTdSRM0H0xy3kUFtd8qKZLZ0sFSzycdB4Bmie&usqp=CAU

Com o animal morto, a bicharada na floresta se revolta, faz uma “assembleia democrática”, e resolvem invadir o sítio em represália. Montados em pernas de pau os habitantes do sítio se protegem dos invasores. Vejamos que a Emília é a mais astuta, em programar toda essa defesa, desde mentora da caçada até a produção de granadas feitas de vespas, e jogadas no momento de maior perigo, defendendo-os, pois, de serem devorados pelos invasores.

Figura 6: Transportam a onça

Fonte: [https://encrypted-](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRAsJxcRqNhJNdqZHwhyEjoUU3mAnJKDVM9eQ&usqp=CAU)

[tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRAsJxcRqNhJNdqZHwhyEjoUU3mAnJKDVM9eQ&usqp=CAU](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRAsJxcRqNhJNdqZHwhyEjoUU3mAnJKDVM9eQ&usqp=CAU)

Figura 7: Assembleia dos bichos

Fonte: [https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTkD_-](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTkD_-T84JvbWLMvkw35aZdFzcfOYCIkeKDKA&usqp=CAU)
[T84JvbWLMvkw35aZdFzcfOYCIkeKDKA&usqp=CAU](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTkD_-T84JvbWLMvkw35aZdFzcfOYCIkeKDKA&usqp=CAU)

Figura 8: Defesa em pernas de pau

Fonte: [https://encrypted-](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSPyXrFYdm2Xjpfmpd0_10VxTQ6QVJnb1gTww&usqp=CAU)

[tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSPyXrFYdm2Xjpfmpd0_10VxTQ6QVJnb1gTww&usqp=CAU](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSPyXrFYdm2Xjpfmpd0_10VxTQ6QVJnb1gTww&usqp=CAU)

O segundo momento da narrativa, é a caça ao Rinoceronte Quindim que foge do circo da região e chega até a propriedade de dona Benta. Lá é acolhido pela garotada que dar carinho e não aceitam que seja devolvido ao seu local de trabalho e moradia. Para captura do animal cria-se o Departamento de Caça ao Rinoceronte, órgão responsável por encontrar e transportar o animal ao seu local de origem.

O poder da força parece ter nesta República a função de apenas assustar, sem maiores consequências. Aliás, o Quindim inaugurou sua incorporação à família de D. Benta cumprindo uma missão desse tipo: através de um plano de Emília ele investe com os burocratas do Departamento Nacional de Caça ao Rinoceronte, responsável pela tarefa de caçá-lo (Campos, 1986, p. 144).

Mas o que se vê é uma ineficácia, uma burocracia e desordem propositada, para que não fosse realmente encontrado, visto que, essa busca dos servidores do governo o faria ocupado sem perigo de demissão por falta de trabalho. Na verdade, essa passagem da narrativa é uma crítica ao governo de Getúlio Vargas, visto que houve criação de vários departamentos, instituições e conselhos que se caracterizava por uma excessiva burocracia.

Quem ler essa obra verá evidente também que a assembleia criada de forma democrática da bicharada na floresta, é de fato outra crítica ao governo visto que, de democrático não tinha nada⁷.

Se levarmos em consideração o chamado “Politicamente Correto”, a obra não tem nada; desde suas capas nas edições passadas, que aparecem armas de fogo (personagens manipulando); quanto a onça ser um animal em extinção; ou seja, uma intensa reflexão sobre a realidade brasileira, lembrando que na época dessa escrita não existia o IBAMA⁸ (órgão responsável pela proteção dos animais).

Mas Monteiro Lobato usou recursos do humor, ironia, aliados à fantasia e ao lúdico.

Monteiro Lobato encontra também perfeição no desenvolvimento da ação aventureira. As primeiras páginas das *Caçadas de Pedrinho* são exemplo de ação bem levada, rápida, com alternativas, com *punch*, onde num abrir e fechar de olhos começa a história, trama-se a caçada a onça, em quatro páginas, num modelo de densidade de texto de economia de palavras. É o melhor texto de Lobato, iguala-se aqui aos grandes mestres da ação aventureira, como Edgard Rice Burroughs quem, ultimamente, vem sendo reabilitado por vários críticos que o tiram do segundo plano de mero entretendedor para colocar o autor de Tarzan entre as maiores figuras literárias deste século e como um dos melhores escritores de ação que a literatura conheceu (Marinho, 1982, p.184).

Por tudo isso, e mais precisamente a linguagem (discurso) utilizada nesta obra que é o mote de nosso estudo é que vamos ao próximo tópico abordar as marcas textuais com teor racista a personagem Tia Nastácia.

3.2 Marcas textuais com teor racista

⁷ O período histórico em apreço (primeira metade do século XX foi marcada por forte profusão de pensamento político de viés antiliberal e autoritário (Mota, 2010).

⁸ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

A contribuição de Lobato a literatura infantil é relevante, entender o comportamento que ele passa aos personagens negros; ora subservientes, ora dotados de valores do senso comum e a criação de estereótipos reforça a “[...] relação de poder que emerge da obra literária [...]” (Oliveira, 2003, p. 55) e ainda “[...] a literatura pode corroborar com ideais racistas e preconceituosos, dependendo de como se tece os personagens” (Oliveira, 2003, p. 110).

Dentre as passagens do livro acusadas de teor racista estão:

Pedrinho pediu à boneca que repetisse a sua conversa com os besouros espiões. Emília repetiu-a, terminando assim: - “É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém – nem Tia Nastácia, que tem carne preta. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do sítio, exceto os de pena” (Lobato, 2016, p. 54).

Sim, era o único jeito - e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros (Lobato, 2016, p. 82).

De forma bem realista o autor usa na narrativa o termo “negra” para se dirigir a Tia Nastácia: “Mais corajosa, a negra aproximou-se, viu que era mesmo onça e: o mundo está perdido Sinhá – murmurou de mãos postas – É onça mesmo [...]” (Lobato, 2016, p. 39)

Uma passagem representada pelo “onço” destaca a representação de tia Nastácia correlacionada a “algo” preto. “- Estão vendo? – disse o onço, passando a língua pela beicaria. – o nosso banquete vai começar pela sobremesa. O furrundu está dizendo que não aguenta mais e vai descer [...]” (Lobato, 1933, p.60).

Esta cena está diretamente relacionada ao momento em que tia Nastácia não aguenta ficar muito tempo agarrada ao mastro da bandeira do sítio, visto que se recusou a colocar as pernas de pau para se proteger de ser devorada pelos bichos. Tia Nastácia nesse momento da narrativa foi comparada a um doce chamado “furrundu”⁹, que por levar açúcar mascavo na sua composição, portanto escuro, apresenta o sentido metafórico negativo. Também na comparação dela escorregando com o próprio doce escorregadio, sem firmeza. Para Fairclough (2001, p. 241) o poder das metáforas “penetram em todos os tipos de linguagens”.

O poder das metáforas não para por aí, quando chama Tia Nastácia de “macaca”, refere-se ao animal que pula nos galhos das árvores fazendo graça, bem como quando a

⁹ Espécie de doce, feito de cidra ralada, gengibre e açúcar mascavo ou rapadura. <https://dicionario.priberam.org>>

compara a carvão que é uma madeira queimada (preta); por fim quanto ao mastro de São Pedro no sentido metafórico representa as festas juninas.

Seguindo com a demonstração de passagens no texto, apresentamos o momento em que Emília pede um presente a todos moradores do sítio, em troca da sua bravura, e da perspicácia em ornar toda a trama e pelas vidas salvas. Chegando a vez de Tia Nastácia a boneca fala: “- E você pretura”? (Lobato, 1933, p. 60). A boneca usa uma expressão cômica, usando de ironia, e usando de um termo racista utilizado na época e fielmente utilizado na voz da boneca Emília. É fato que o racismo faz parte da memória discursiva do povo brasileiro, era o discurso do início do século XX e exatamente por isso pode-se inferir que um dos objetivos de Lobato para sua escrita infantil era propagar a ideia de “superioridade branca”.

É o que continua Koch e Elias (2006),

Embora defendamos a correlação de fatores implicados na compreensão da leitura, queremos chamar a atenção para as vezes em que fatores relativos ao autor/leitor, por um lado, ou ao texto, por outro lado, podem interferir nesse processo, de modo a dificultá-lo ou facilitá-lo (Koch; Elias, 2006, p. 24).

O autor não se dissocia dos fatos sociais no momento de sua produção, ele é influenciado pelo contexto em que está inserido, logo entender a obra de Lobato passa necessariamente pela compreensão do homem Lobato. Quando ele usava na sua escrita termos como a “negra” era expressão direta e sem rodeios encontradas no cotidiano do discurso da época bem como a estrutura hierarquizada da sociedade da época.

Basta uma leitura rápida pelas passagens para notar que Nastácia é retratada como racionalmente inferior, seja pela postura apatetada ou por sua ignorância profunda, faltando-lhe inclusive a virtude da coragem e da *phronesis* (capacidade de tomar decisões no calor da ação) - como quando acossada pelas onças (Lobato, 1933). A mesma leitura mostra claramente que sua inferioridade racional, que em termos kantianos se traduz em incapacidade moral, é associada à cor de sua pele e a características fenotípicas ancoradas na sua negritude, de maneira extremamente estereotipada. Parece-nos razoável atribuir a palavra “racismo”, ainda que provisoriamente, à associação entre características fenotípicas e morais, já nesse plano (Feres; Nascimento; Eisenberg, 2013, p. 86).

Com isso, Van Dijk afirma que (2005, p. 15) “[...] o racismo não é inato, mas aprendido, deve haver meios para esse processo de aquisição ideológica e prática [...]”, portanto através de processos discursivos que podem apresentar aspectos positivos e negativos, ou seja, as “[...] pessoas aprendem a ser racistas com seus pais, seus pares, na

escola, com a comunicação de massa, do mesmo modo que com a observação diária, através dos gêneros discursivos” (Van Dijk, 2015, p. 21).

O texto literário traz consigo uma carga social, conflitos onde estão inseridos. Viemos de um referencial europeu, em que as personagens das histórias eram sempre brancas de cabelos claros ligadas ao belo enquanto a figura negra ao subalterno a inferioridade. É necessário formar indivíduos capazes de vencer preconceitos, cidadãos críticos e participativos. Pois é na infância que se constrói a personalidade e a leitura é capaz de mudar a história de uma pessoa.

Segundo Lajolo (2011, p. 12), [...] é bem-vinda e oportuna: levanta uma questão crucial para os estudos literários relacionados ao binômio literatura/sociedade, literatura/educação/ literatura e ética”. É por essa e outras razões que Zilberman se propõe a reescrita desse texto, incumbida de evidenciar que mesmo suprimindo trechos a obra não perde sua essência seu magnetismo.

4 METODOLOGIA

Este estudo partiu metodologicamente de uma pesquisa bibliográfica, que para Cervo, Bervian e da Silva (2007, p. 1), “a pesquisa bibliográfica constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos os quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”.

Por exemplo, tendo como tema *Caçadas de Pedrinho* de Monteiro Lobato o eixo norteador deste trabalho consistiu em analisar o discurso da reescrita de *Caçadas de Pedrinho* de Regina Zilberman (2020) a partir da comparação com o texto original de Monteiro Lobato (1933, 2016).

Com esta ação, a pesquisa transcorreu descritiva da qual define Gil (2002, p. 42): “a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Certamente, o entrecruzamento da leitura da versão original da obra (1933, 2016) com a reescrita de (2020), propiciou uma visão ampla desse processo de relação entre variáveis. Evidenciando de certa forma que no processo de reescrita há produção de um novo texto.

E ainda, embora tenha sido crucial o estudo pormenorizado da ideologia preconceituosa do início do século XX, bem como, apresentar as marcas textuais com teor racista no texto original de (1933, 2016); priorizou-se também do estudo das operações linguísticas à “supressão” e “substituição” estrategicamente utilizada por Zilberman para apresentar sua reescrita.

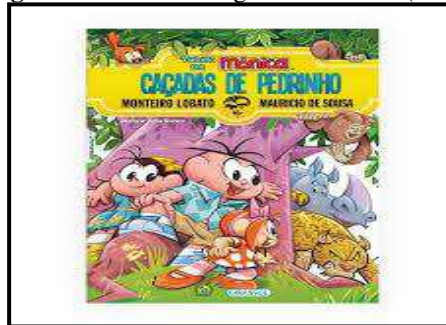
Enfim, essa experiência metodológica a partir de quadros demonstrativos/comparativos (com títulos referentes aos capítulos do livro) que pudéssemos ressaltar essa estratégia levou-nos a refletir que a reescrita é um dos meios para análise dos elementos linguísticos e textuais do discurso, permitindo através do dito e não dito visualizar o que se considera dentro ou não do politicamente correto.

5 REGINA ZILBERMAN E A REESRITA DE CAÇADAS DE PEDRINHO (2020) LIÇÃO DE COISAS: escritora visionária de uma sociedade moderna

Há debates atualmente sobre o racismo na obra e as formas de como lidar com a construção de significados sobre esse tema. Tanto no que diz respeito a manter a escrita original, bem como banir essas passagens de cunho racista ou até mesmo seguir o que diz o Parecer 15/2010¹⁰ dentre tantos pontos o de colocar notas de rodapé¹¹ como forma de justificar a escrita.

Partindo desses pressupostos, e como a obra está em domínio público¹², Regina Zilberman¹³ reescreve o texto *Caçadas de Pedrinho*. Tanto suprimindo como suavizando trechos mais complicados que tocam na questão do racismo e da agressão aos animais com notas que esclarecem e contextualizam a época em que o livro foi escrito.

Figura 9: Reescrita Regina Zilberman (2020)



Fonte: <https://tse1.mm.bing.net/th?id=OIP.478EC1LpeRoPzaBywvm3vgHaJr&pid=Api&P=0&h=180>

Mas a questão é se esses caminhos realmente resolveriam o incômodo que as crianças negras e brancas experimentam ao ler esse livro. Ou seja, alguns trechos vêm na

¹⁰ “Exigir da editora responsável pela publicação a inserção no texto de apresentação de uma nota de rodapé explicativa e de esclarecimentos ao leitor sobre os estudos atuais e críticos que discutem a presença de estereótipos raciais na literatura”(BRASIL, 2010, p. 5).

¹¹ Rodapés em obras literárias são paratextos convocados quando quer que se suspeite que o leitor não dispõe de conhecimento e/ou informações necessárias para *exercer seus direitos de construção de significados* ou então quando se teme que ele exarcebe esta liberdade e não construa o significado *adequado, canônico, no limite, correto* para o que lê. Em: Paratextos e contextos na obra infantil lobatiana: Tia Nastácia em *Caçadas de Pedrinho*. XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética. p. 4. Prof. Dra. Maria Lajolo. 18 a 22 de julho de 2011 UFPR – Curitiba, Brasil.

¹² Desde 01 de janeiro de 2019 toda a obra de Monteiro Lobato entrou em domínio público, ou seja, pode ser comercialmente explorada sem depender de autorização. Qualquer pessoa pode utilizar uma obra que entrar em domínio público; pode fazer adaptações, traduzir, veicular, imprimir, ou fazer qualquer tipo de uso econômico sem depender de autorização prévia do autor ou do titular de direitos. No Brasil, a proteção pelo direito autoral de 70 anos, contados a partir de 1 de janeiro do ano seguinte à morte do autor (ANJ, 2019). URL: <https://www.anj.org.br/monteiro-lobato-no-dominio-publico/>. Acesso em: 29/06/2023.

¹³ Uma das maiores especialistas na obra de Monteiro Lobato, pesquisadora, escritora, ensaísta e professora brasileira. Autora de vários livros e colabora em jornais e revistas como consultora nas áreas de letras, Comunicação e Literatura para crianças e jovens. <https://grupoeditorialglobal.com.br> >

contramão do que hoje se luta e defende. Como passagens que incitam o racismo (luta histórica) quanto a agressão a onça (animal em extinção) causando surpresa e desconforto nos leitores.

A esse respeito Castilho afirma que:

Esse processo de discriminação pode estar comprometendo tanto a formação da criança negra quanto a branca. Para a criança branca, essas obras literárias podem reforçar a ideologia da superioridade e supremacia de sua raça, por outro lado, pode subestimar estigmatizar e em muitos casos fragmentar a autoestima da criança negra (Castilho, 2004, p. 109).

Na tentativa de atualizar a obra, essa nova edição de *Caçadas de Pedrinho* trata essas passagens de forma diferente. Mas aí vem o problema: Lobato incutiu o pensamento crítico em toda uma geração, enfrentou intelectuais Modernistas¹⁴, e hoje com suas obras em domínio público; não seria justo que essas crianças tivessem a liberdade para ler o texto original (na íntegra)? Levantando seus questionamentos e criticando a seu modo? O pensamento livre não é exatamente o que precisamos?

O próprio Lobato (1951, p. 345) afirma: “a receptividade do cérebro infantil ainda limpo de impressões é algo tremendo - e foi ao que o infame fascismo de nossa era recorreu para a sórdida escravização da humanidade e supressão de todas as liberdades”. Isto é, o próprio Lobato incitou o pensamento crítico; agora fica por um lado os que apoiam a reescrita e por outro lado os que defendem a originalidade da obra, portanto com uma metodologia acurada, ainda que livre e espontânea tenha informações dosadas com parcimônia. Visto que, para alguns há inflexibilidade na estruturação.

Nesse cenário de novas possibilidades, numa organização bastante pontuada, Zilberman se preocupou em deslocar certas coisas bem como suprimir, substituir formando uma confluência que prima pela unidade do discurso e de intento tais intuições coadunam com as visões que ora propomos, sendo, pois, a viabilidade de suas ideias.

Com uma visão progressista, para a autora, diante de realidades incontestáveis de forma que as coisas estão descompassadas e necessitam reajustes ela propõe um projeto literário de reescrita, consciente e que a leitura se torne mais palatável, em que conexões se fizessem explícitas com conotações próprias defendendo o volume diegético do livro.

¹⁴ O Modernismo no Brasil reuniu gerações de artistas, que embora se assemelhassem pelas características de suas obras, em alguns aspectos divergiam entre si. O Modernismo deixou um legado de grande importância para cultura brasileira. Os modernistas, adotaram a simplificação do discurso, se aproximando da linguagem popular. <https://www.educamaisbrasil.com.br> >

E como companhia nesse projeto apresentou com veemência Maurício de Sousa¹⁵ como ilustrador dessa edição. Por se tratar de um nome reconhecido mundialmente pela sua “Turma da Mônica” eles utilizaram dos personagens: Cebolinha, Cascão, Mônica e Magali para enriquecer seu processo de produção, entremeando-os com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo. O que resultou, em vista disso, foi um magnífico arcabouço construtivo, constituído de personagens imortais da Literatura Infantil brasileira.

Figura 10: Rinoceronte fica no sítio



Fonte: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQGmR1jx1YvCR1P044K60c4b4pC_6hFI6TKSA&usqp=CAU

Figura 11: Personagens da Turma da Mônica



Fonte: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQDpLrix4V_4LHLtavJGKc_psU7jIxzWPEAnA&usqp=CAU

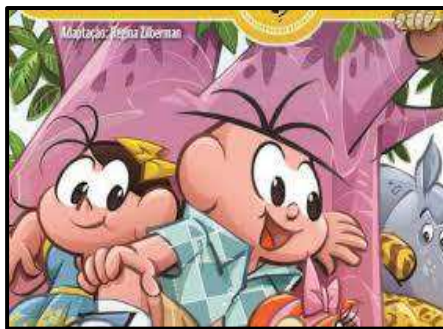
¹⁵ O desenhista e empresário é famoso pela criação da turma da Mônica e outros personagens. É membro da Academia Paulista de Letras, onde ocupa a cadeira nº 24. Atualmente suas criações chegam a 50 países; o desenhista já ganhou diversos prêmios em vários países.
<https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/especial/mauricio-de-sousa/>

Figura 12: Cena das personagens da Turma da Mônica



Fonte: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSS8bupeOS6n1unilpJBZJGiIFQhBpe9t4L0Q&usqp=CAU>

Figura 13: Personagens em ação



Fonte: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRoAkJjWNt9swwwWjciqDnH3lYMd6p0rRxtww&usqp=CAU>

Figura 14: Levam a onça morta ao Sítio



Fonte: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSnAukw7huec1BN21UWYuZYHv_9gZHzyCGatA&usqp=CAU

Em uma ilustração adequada da reconfiguração, tem-se delineado uma explicação razoável, importante à observação e revelador: as novas personagens inseridas na narrativa apresentam características e discursos iguais à garotada do sítio. Com efeito, a autora esboça um pêndulo entre o anseio pela novidade e o que esta representaria (no discurso e sentido). Importa, contudo, é esse redirecionamento dado para entender o ambiente e as ações vividas pelos nossos personagens.

Tratando-se de modo específico, existe uma relação entre discurso e formação discursiva, ou melhor, “[...] as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas ‘tiram’ seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (Orlandi, 2009, p. 42-43).

Zilberman se empenhou ao máximo nessa construção de sentido, conhecendo que o legado de Lobato é indelével ela optou em ter o cuidado para não perder as marcas originais do texto, usou e abusou da criatividade, quando acima mencionado o ingresso das personagens da Turma da Mônica serve como exemplo.

A produção de um discurso há sempre a relação com outros discursos, desta forma, “não há, de certo modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (Orlandi, 1999, p. 39).

É preciso entender que o texto escrito não é um produto acabado, mas uma obra aberta em que, além de falar em um contexto sócio/histórico, cria comunicação e interação entre si e o leitor e, portanto, está sujeito a mudanças discursivas e correções. Como aduz Geraldi (1991), compreender a linguagem como interação significa entender que o sujeito é ativo e o texto é o lugar de interação entre o escritor e o leitor que constrói significados dialogicamente.

Voltando-se aos estudos da Linguística, parece de comum acordo, atualmente, que os textos tratados como processo devem enfatizar as condições de produção e recepção, ou seja, nessa abordagem não devem ser vistos como acabados e suficientes em si, como fomos ensinados por décadas, Campos (1986) e Costa Val (1997). Nesse sentido, conceitos como o de *reescrita* e, principalmente, o de *retextualização* têm sido citados com frequência, especialmente para abordar e descrever um processo de produção de textos.

5.1 O que é reescrita?

Algumas considerações relacionadas ao processo de escrita são importantes para compreensão do processo de reescrita. Coaduna-se com Antunes (2003, p.54) quando

“ressalta que a escrita compreende etapas distintas e integradas de realização (planejamento, operação e revisão), as quais, por sua vez, implicam da parte de quem escreve uma série de decisões”.

Exatamente a preocupação de Zilberman (2020) ao ocultar passagens, ao trocar palavras, tirando a densidade de um texto que escrito em um momento conflitante de nossa história, trás marcas estereotipadas a personagem negra tia Nastácia na referida obra; foi planejado minuciosamente cada passo da reescrita, contando com momentos de “voltar atrás” por achar que estava modificando demais, o que poderia comprometer a autenticidade do texto. Conforme, D’Elia:

Essa capacidade reflexiva demanda que seja um processo aprendido gradativamente. O sujeito, quanto mais se relaciona com o texto, considerando o seu caráter dialógico, mais desenvolve as capacidades de planejar, escrever, analisar e reescrever segmentos do texto (D’Elia, 2007, p. 30).

Zilberman (2020) foi se moldando ao estado atual das coisas. Cabem aqui palavras de Menegolo e Menegolo,

[...] ainda nesse processo de reescrita, o sujeito-aluno precisará se reconstruir enquanto sujeito-autor, ou seja, não se trata apenas de uma (re) construção textual, mas de uma nova afirmação de sua autoria e de seu discurso, em que ele tomará novas posições, de acordo com os discursos implícitos e explícitos no texto original, que foi alterado de alguma forma pelo professor. Conforme for (re) construindo sua enunciação, irá se (re constituindo enquanto sujeito-autor [...]) (Menegolo e Menegolo, 2005, p. 77).

Observa-se que, a reescrita cumpre sua função de auxiliar na produção de texto. E assim, exatamente aconteceu com Zilberman (2020), ela foi se adequando ao que a sociedade demanda quanto à temática. A criação de textos escritos exige, portanto, que um falante e destinatário de uma determinada posição social preencham as condições que regem outras estratégias e habilidades aplicadas na redação de textos.

Nessa direção, Possenti (2002) afirma que:

[...] a questão da qualidade do texto passa necessariamente pela questão da subjetividade e de sua inserção num quadro histórico – ou seja, num discurso – que lhe dê sentido. O que se poderia interpretar assim: trata-se tanto de singularidade quanto de tomada de posição (Possenti, 2002, p. 115).

Quando Zilberman (2020) se posiciona na reescrita do texto, com a convicção de que passagens racistas deveriam ser retiradas ou alteradas, ela atua sobre a linguagem, “[...]”

por intervir e recortar um espaço para si ao enunciar de um modo peculiar, ao tomar posição e possuir um projeto de texto [...]” (Batista, 2005, p. 90).

O excerto segue sobre a concepção que reescrever pode ser um momento significativo no aprendizado das regras e convenções de escrita. A reescrita, na visão de Garcez (1998), é uma oportunidade para o escritor expor seus sentimentos e dúvidas, buscar soluções, justificar o funcionamento da língua; dessa forma, aprendem-se várias habilidades em relação ao domínio da categoria escrita.

Já dizia Menegase (2001), para quem “a reescrita nasce a partir de revisões efetuadas no texto”. Em síntese, a posição do revisor em aprimorar o texto com o intuito de sua devida consideração e correções mostra aqui que embora ocorram retextualizações e reescritas, por vezes são termos sem uma distinção conceitual mais profunda que tentam mostrar o que está acontecendo com o texto do “original” ao “final”.

Sendo que, a reescrita (ou refacção), é baseada “no mesmo texto”, enquanto na retextualização, se move de “uma categoria para outra”. Dito isto, achamos apropriado concluir que retextualização é uma transformação mais ampla de um texto, incluindo a capacidade de mudar o meio em que é produzido transmitido (por exemplo, uma entrevista oral para uma notícia escrita ou da mídia impressa para o rádio). A reescrita, diferentemente só poderia ocorrer do escrito para o escrito. Dessa distinção, pode-se propor que toda retextualização é reescrita, mas nem toda reescrita gera uma retextualização” (D’Andrea; Ribeiro, 2010, p. 66).

No que se refere a retextualização, a partir da reescrita Dell’Isola (2007, p. 10), por sua vez, define retextualização como um “processo de transformação de uma modalidade textual em outra, trata-se de uma refacção e uma reescrita de um texto em outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem”.

É confuso, mas necessário, os aspectos evidenciados sobre a reescrita Marcuschi (2001, p. 48), afirma que “igualmente poderíamos usar as expressões refacção e reescrita, (...) que observam aspectos relativos às mudanças de um texto no seu interior (uma escrita para outra, reescrevendo o mesmo texto)”.

A esse respeito, Matêncio (2002, p. 112), enfatiza mais claramente as diferenças entre os conceitos de reescrita e retextualização. Partindo da premissa de que “retextualizar é produzir um novo texto”, a autora afirma “que toda e qualquer atividade propriamente de retextualização irá implicar, necessariamente, mudança de propósito”. A reescrita, por outro lado, “é atividade na qual, através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e

linguísticos que norteiam a produção original, materializa-se uma nova versão do texto” (Matêncio, 2002, p.113).

Naturalmente, fica esclarecido esses dois pilares da produção textual. Asseverando, assim, como já mencionado a princípio que vamos trabalhar com o conceito de reescrita de *Caçadas de Pedrinho* nesta pesquisa. Tendo em vista a preocupação de Zilberman (2020) que preservasse ao máximo a obra de Monteiro Lobato, mesmo retirando as passagens com conotação racista, que o enxugamento do texto não compromettesse o sentido da escrita original.

A fim de considerar o refinamento (enxugamento), encontra-se em algumas situações obras condensadas ou reescritas de forma higienizada. De modo mais específico, a linguagem mostra seu movimento em relação a forma como os autores são registrados no século XXI (quando desse resumo excessivo das obras comprometendo o contexto da produção. Como elucida Eco (2002), as obras devem ser reescritas a cada 200 anos na mesma forma original, para não correr o risco de perder o entendimento completo.

Essa afirmação de Eco (2002) é uma crítica às adaptações atuais que por vezes resumidamente, comprometem a história narrada. Nos remonta aos estudos de Tully (1988) da hermenêutica moderna quando das palavras de um texto antigo não corresponderem aos seus significados atuais devido a tantas alterações e adaptações. Havendo consenso na Literatura que para entendermos uma linguagem ou um conceito do passado temos que contextualizar e estudar as obras e conceitos que lhe foram contemporâneos a produção (Ricoeur, 1981).

Pelo que se pode depreender, há distinção entre a “mudança de propósito” da retextualização e a criação de uma “nova versão do texto” a partir da reescrita. Como foi possível observar a reescrita está ligada ao processo de criação do texto, cujo objetivo principal é alterar partes do original, preservando sua estrutura básica. Fiad (1991) e Menegassi (2001), baseados em Fabre (1987, citado por ambos os autores), aludem quatro operações no processo de reescrita: adição, supressão, substituição e deslocamento. Nas quatro operações, as intervenções podem ser mais específicas, alterando, por exemplo, pontuação ou grafema em relação à orientação discursiva que tais mudanças podem ou devem ter. Fiad e Barros (2003) sumarizam os seguintes aspectos: na reescrita, há um “agir sobre a textualidade e sobre a discursividade”.

Partindo desse enfoque, de acordo com Orlandi (2007, p. 52), a textualidade é determinada pela interação entre o texto, sua estrutura e o contexto externo no qual está inserido. Além disso, para compreender o fenômeno do discurso e da discursividade é

extremamente necessário por em constante relação à consciência individual com as relações sociais como um todo (Bakhtin, 1997, p. 317).

Portanto, a consideração das características dos operadores da linguagem e do processo de escrita, principalmente revisão e reescrita será explicitado na próxima seção.

5.1.1 Adição

A operação de adição, que Fabre (1986, p. 69) denomina de “acréscimo”, consiste no “acréscimo” de um elemento gráfico, acento, sinal de pontuação, grafema [...], “mas também do acréscimo de uma palavra, de um sintagma, de uma ou de várias frases”.

Quadro 1: Exemplos de adição com grafema e sintagma

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|---|--|
| -Não amole, Emília. Se continua a insistir, leva um peteleco. (2016, p. 99) | -Não amole, Emília. Se continuar a insistir, leva um peteleco. (p. 50) |
| O menino tonteou com o disparate. Não podia haver pergunta mais absurda e boba do que aquela. (2016, p. 98) | O menino tonteou com tamanho disparate. Afinal , não podia haver pergunta mais absurda que aquela. (p. 49) |

Fonte: autora 2023

No primeiro exemplo há acréscimo do grafema “r” como marcador de concordância do verbo. Para Câmara (1978, p. 174) grafemas são a unidade mínima da escrita, símbolos gráficos constituídos por traços visuais sistematizados, que permitem a transcrição visual de palavras, representando fonemas na língua oral. Num sentido mais restrito, grafemas são letras e num sentido mais amplo segue os sinais de pontuação, etc.

Ainda sobre, Cagliari (1989) enfatiza que:

A escrita se diferencia de outras formas de representação do mundo, não só porque induz à leitura, mas também porque essa leitura é motivada, isto é, quem escreve, diferentemente por exemplo de quem desenha, pede ao leitor que interprete o que está escrito, não pelo puro prazer de fazê-lo, mas para realizar algo que a escrita indica. A motivação da escrita é sua própria razão de ser; a decifração constitui apenas um aspecto mecânico de seu funcionamento. Por isso é que a leitura não se reduz à somatória dos significados individuais dos símbolos, mas obriga o leitor a enquadrar todos esses elementos no universo cultural, social, histórico, etc, em que o escritor se baseou para escrever (Cagliari, 1989, p. 74-75).

Portanto, tanto Lobato como Zilberman escreveram em tempos distantes cada um com particularidades e levando em considerações possibilidades usuais da língua, conscientes estamos que uma letra (grafema) pode sim mudar o sentido da palavra.

No segundo exemplo há adição de um adjetivo “tamanho” e um conectivo “afinal”. Poderia também se adequar a operação de supressão no que tange a palavra “boba” apresentada na versão original (1933, 2016) e na reescrita (2020), portanto, extinta.

Neves (2000, p. 200) sobre a posição que o adjetivo ocupa no sintagma nominal, diz que isso se dar em “respeito ao fato de existirem diferenças no comportamento das duas grandes subclasses: pré-qualificadores e os classificadores”.

Quadro 2: Exemplo de adição com pontuação

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|---|--|
| (...) E depois há ainda vovó e Tia Nastácia – as duas maiores medrosas do mundo. (2016, p. 106) | (...) E, depois, ainda há vovó e Tia Nastácia, as maiores medrosas do mundo. (p. 54) |

Fonte: autora 2023

No quadro 2 o exemplo mostra a adição da vírgula (,) na palavra “depois” usado em local apropriado para determinado efeito de sentido (marca pausa). Faz parte dos “elos coesivos”. É a importância do uso e das funções dos sinais de pontuação; neste caso a vírgula como circunstancialização temporal. A supremacia do emprego da vírgula em comparação a outros sinais não é surpresa, pois de acordo com Esvael (2005, p. 13), “[...] dentre os sinais de pontuação, a vírgula é um dos mais empregados nos textos”.

Da mesma forma, Cunha conclui que:

Pontuar é sinalizar gramatical e expressivamente um texto. O emprego inadequado de um sinal de pontuação pode não só prejudicar, mas até alterar o seu sentido. Cumpre, pois, utilizar com precisão tais sinais. Além de sua função linguística, a pontuação tem uma utilidade social. Um texto mal pontuado é de difícil acesso, e, em geral, deixa no leitor uma penosa impressão de ignorância, ou de desleixo, daquele que o escreveu (Cunha, 1980, p. 618).

Assim sendo, é bem provável que no decorrer da obra, no processo de reescrita, partindo do texto base, possivelmente o Monteiro Lobato ignorou determinadas regras de pontuação, e Zilberman (2020) alçada à posição de escritora moderna, a tarefa de zelar pelo uso devido desse sinal de pontuação.

5.1.2 Supressão

À operação de supressão consiste na retirada, sem substituição, do segmento suprimido. Para Fabre, essa operação “[...] pode aplicar-se sobre unidades diversas, acento, grafema, sílaba, palavra sintagmática, uma ou várias frases” (1986, p. 69).

Quadro 3: Exemplos de supressão com frases

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933, 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|--|-----------------------------------|
| Narizinho esfregou-lhe a faca no lombo, como se a onça fosse pão e ela quisesse tirar uma fatia. O Visconde conseguiu, depois de várias tentativas, enterra-lhe no peito o seu sabre de arco de barril. Emília fez o mesmo com o espeto de assar frango. Pedrinho macetou-lhe o crânio com a coronha da sua espingarda. Até o Rabicó perdeu o medo e depois de carregar de novo o canhão deu-lhe um bom tiro à queima-roupa. (2016, p. 33) | (...)* |
| (...) Até uma revolução que estava marcada para aquela semana foi adiada porque os conspiradores acharam mais interessante acompanhar o caso do rinoceronte do que dar tiros nos adversários. (2016, p. 94) | (...)* |
| As forças do Norte que andavam caçando o Lampião deixaram em paz esse bandido para também se dedicarem à caça do monstro. Dizem até que o próprio Lampião e seus companheiros pararam de assaltar as cidades para se entregarem ao novo esporte – a caça ao rinoceronte. (2016, p.94) | (...)* |
| Cinco detetives e numerosos bombeiros foram mandados de avião para aquele ponto, a fim de investigar. Descobriram tratar-se de uma vaca preta que ficara entalada na moita de taquaruçus... (2016, p.94) | (...)* |

Fonte: autora 2023

Esses trechos, certamente, foram extintos por que na versão original (1933, 2016) Monteiro Lobato usou a literatura como ferramenta para denunciar, mazelas e desigualdades na sociedade oligárquica. Lembremos que era o período da “Política do Café com leite” a dobradinha entre São Paulo e Minas Gerais na economia. Portanto, 1ª República (1889-1930) e o 1º governo de Getúlio Vargas (1930-1934). Foi nessa atmosfera a escrita de Lobato.

Uma explicação razoável para veicular a crítica à época do “Coronelismo”, com a passagem falando de “Lampião” e “Maria Bonita”, além do que o trecho falando dos “detetives” está relacionado à burocracia que foi o governo de Vargas, visto que várias instituições, departamentos criados nessa perspectiva.

O que nos dar a conclusão que assuntos voltados a ideologias políticas são suprimidos na reescrita.

INFERÊNCIA: *O sinal “(…)” indica, aqui, e, nos próximos quadros, o trecho da narrativa que foi excluído do texto, quando cotejados.

5.1.3 Substituição

À operação de substituição, Fabre afirma que se trata “[...] de uma supressão, seguida da substituição por um novo termo” (1986, p. 69). Pode acontecer sobre grafemas, palavras, sintagmas e mais.

Quadro 4: Exemplos de substituição com palavras

| <i>Caçadas de Pedrinho (1933. 2016)</i> | <i>Caçadas de Pedrinho (2020)</i> |
|---|--|
| - Pois quero ver isso! Vou organizar a caçada e juro que hei de trazer essa onça aqui para o terreiro , arrastada pelas olheiras. (2016, p. 22) | -Pois quero ver isso! Vou organizar a caçada e juro que trarei essa onça aqui para o quintal , arrastada pelas orelhas. (p.8) |
| Rabicó não replicou . Bebeu um gole d’água pra acalmar os nervos e voltou às suas cascas de abóbora com esta ideia na cabeça : “ No momento, hei de dar um jeito qualquer. Não tem perigo que eu me deixe comer cru pela onça ”. (2016, p. 23) | Rabicó ficou quieto . Bebeu um gole de água para se acalmar e voltou às cascas de abóbora, pensando : “ Na hora, dou um jeito. Nunca que vou me deixa comer pela onça ”. (p. 9) |

Fonte: autora 2023

Zilberman na reescrita (2020) no primeiro exemplo trabalha o tempo verbal (elimina o uso de um verbo principal com verbo auxiliar) focando no verbo do Futuro do presente, dando, portanto, a oração uma estrutura dentro dos padrões normativos atuais. Na sequência a troca do termo “terreiro” por “quintal”, hoje mais usual, visto que “terreiro” se configura em determinadas religiões como local de rituais. Por fim no último exemplo levou em consideração uma linguagem mais suave, reduzida e frases em sentido direto.

Lembrando que Lobato ainda preso aos padrões do século passado (linguagem pesada e preocupações com o formal da língua) ele propõe uma literatura que se libertasse dessas normas, e exatamente a partir da escrita do ‘gérmen’ desse texto *A Caçada a Onça* (1924) já antecedia as convenções estilísticas propostas pelos modernistas (coloquialismo, onomatopéias, metáforas, metalinguagem)

Quadro 5: Exemplo de substituição com Sintagma Nominal

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|--|---|
| (...) Viu que de fato estavam com a saída do sítio bloqueada por aquele monstruoso animal que parecia não ter a mínima intenção de afastar-se dali. (2016, p.117) | (...) Viu, que, de fato, estavam com a saída do sitio bloqueada pelo rinoceronte , que parecia não ter a mínima intenção de afastar-se dali. (p. 61) |

Fonte: autora 2023

O trecho, na versão original, adjetiva o animal depreciando-o, enquanto Zilberman (2020) leva diretamente a sua identidade. Presença do sintagma nominal.

5.1.4 Deslocamento

A operação de deslocamento Fabre define como sendo “[...] a permutação de elementos que leva a modificar sua ordem no processo de encadeamento” (1986, p. 69).

Quadro 6: Exemplos de deslocamento

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|---|---|
| Emília foi examinar-se ao espelho e achou que realmente estava com cara de rinoceronte. (2016, p. 104) | Emília foi imediatamente se examinar no espelho e acho que realmente estava com cara de dona de rinoceronte. (p. 52) |
| -Eu e Cléo. Ela é sócia, tem metade do rinoceronte. (2016, p. 105) | - Cléo e eu. Ela é sócia, tem metade do rinoceronte. (p.53) |

Fonte: autora 2023

A organização de um dado texto pode sofrer alterações em seus parágrafos “tudo dependendo, é claro, da natureza do assunto, do gênero de composição, do propósito e idiossincrasias do autor e da espécie de leitor a que se destina o texto escrito” (Garcia, 1973, p. 185). Ainda para esse autor, todo parágrafo constitui uma “unidade de composição, formada por um ou mais períodos, em que se desenvolve ou se explana determinada ideia central, a que geralmente se agregam outras, secundárias, mas intimamente relacionadas pelo sentido” (*idem*, p. 185).

Nos trechos, pode-se verificar o deslocamento do pronome “se”, ou seja, uso da ênclise e próclise.

Seguindo, contudo, os ensinamentos de Neves, para quem “a ordem relativa das orações é pertinente para interpretação do efeito de sentido” (2000, p. 787).

Nunca é demais lembrar que a literatura e o ensino de língua são expressões de características da vida social binômio (literatura/sociedade), onde o homem expressa sentimentos e ideias por meio de palavras; a articulação da linguagem é importante para a arte literária e é por meio do vasto universo das palavras que esta pode assumir uma nova

dimensão. Nesse sentido, acredita-se que, por meio das páginas do livro infantil, o leitor pode refletir o mundo ficcional e real, bem como descobrir o quanto um texto literário pode ser envolvente e instigante (Almeida, 2018, p. 28).

Nesse rico manancial de informações, Guimarães e Batista (2012), afirma que:

O texto literário é uma obra de natureza complexa, resultante de intenções, operações linguísticas e produção de sentidos que colocam em jogo o uso da linguagem além da referencialidade. A literatura implica reconhecer, entender e fruir elementos de natureza expressiva, conativa e poética que destacam o espaço da manifestação literária como aquele que exige do seu leitor muito mais participação do que aquela requerida em processo de interação verbal que destacam sobremaneira a função referencial da linguagem (Guimarães; Batista, 2012, p. 21).

Disto resulta que:

A obra de Lobato se insurgia contra um modelo ufanista cultivado afoitamente pelos infectais brasileiros os valores se perpassam a obra infantil Lobatiana instauram o espírito crítico que levaria Emília a ser objeto de polêmica, especialmente no meio pedagógico. A preocupação com o ensino levou o escritor a realizar obras como a *Aritmética da Emília* e *Emília no País da Gramática*. Porém “Pedagógico” em Lobato adquire outra dimensão no que diz respeito à formação humana, uma vez que suas aventuras estarão sempre ligadas ao conhecimento, à crítica, à reformulação de conceitos (Valente, 2011, p. 13).

Contudo, ainda na seara dos conceitos, ser-nos-á de grande valia investigar as marcas discursivas da reescrita de *Caçadas de Pedrinho*, de Regina Zilberman, a partir da comparação com o texto original, pois Lobato significa literatura de qualidade e história; não ler suas obras significa abrir mão de livros que simbolizam nossa própria identidade.

A solução é na verdade simples, e já largamente praticada com a obra de outros autores clássicos. Se a escritora infantil Ruth Rocha simplifica a *Odisseia* para permitir que crianças possam se deleitar com suas histórias fantásticas, sem terem que se deter na cena do Livro XXII, [...] por que não permitir também que “simplifiquem” Monteiro Lobato, excluindo trechos que estão além de uma compreensão contextualizada para aquele determinado público-alvo? Há um sem número de livros e coleções infantis e infanto-juvenis em que textos de autores clássicos como Alexandre Dumas, Herman Melville, Charles Dickens, Mark Twain e o próprio Homero são adaptados para a idade desse público; então por que Monteiro Lobato seria intocável? Que preciosidade há nos seus escritos que não podem ser alterados, em nenhuma vírgula, para contribuir para o processo pedagógico e, ao mesmo tempo, evitar que esse mesmo processo sirva de meio para disseminação de preconceitos que hoje repudiamos veementemente, como esse que Lobato coloca na voz da boneca Emília? (Feres; Nascimento; Eisenberg, 2013, p. 99).

Evidentemente, as operações linguísticas presentes em reescritas de textos têm suas particularidades quanto a forma que se apresentam no texto. Minha pesquisa se define nas operações de “supressão” e “substituição”, mostrando importantes aspectos discursivos que foram deixados de lado ou substituídos no referido a marcas textuais racistas.

Assim, a qualidade do texto inclui, além das questões linguísticas e textuais, a definição do projeto de dizer do produtor e sua construção como sujeito-autor.

6 LOBATO X ZILBERMAN (O DITO E O NÃO DITO)

Dois dos aspectos que compõem o conjunto dos dispositivos teóricos da Análise do Discurso, quais sejam o dito e o não dito. Ou seja, o não dizer com as noções de subentendido, implícito. “[...] há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer” (Orlandi, 1992, p. 12). O discurso definido por Pêcheux (1997, p. 77) [...] é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas [...]. Portanto,

o sentido não nasce da vontade repentina de um sujeito enunciador. O discurso tem uma memória, ou seja, ele nasce de um trabalho sobre outros discursos que ele repete, ou modifica. Essa repetição ou modificação não é necessariamente intencional, consciente nem imediata [...] ao contrário, pode ser oculta ao sujeito enunciador (Mittmann, 1999, p. 272).

Já dizia Pêcheux (1990, p. 44) é importante perceber “a presença de não ditos no interior do que é dito”. E observar que o subentendido dependerá do contexto, “os sentidos podem ser lidos num texto mesmo não estando ali, sendo de suma importância que se considere tanto o que o texto diz quanto o que ele não diz, ou seja, o que está implícito, que não é dito, mas é significado” (Silva, 2008, p. 41).

Para Silva (2008) pensar o imaginário linguístico é, então, “tirar as consequências do fato de que o não dito precede e domina o dizer” (Pêcheux, 1988, p. 291).

Assim, de acordo com Orlandi (2005), há uma nova prática de leitura em AD, a discursiva, que

[...] consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro modo, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária [...] porque [...] só uma parte do dizível é acessível ao sujeito pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras (Orlandi, 2005, p. 34).

O não-dito “[...] é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se” (Orlandi, 2005, p. 82).

Orlandi (1992, p. 20) “[...] diferentes regiões que recortam o interdiscurso¹⁶ e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como às posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes”. Eis porque, como afirma Orlandi (2004, p.

¹⁶ Orlandi (2005, p. 33), em consonância com Pêcheux, conceitua interdiscurso como [...] todo conjunto de formulações já feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos.

29), “[...] para compreendermos o funcionamento do discurso [...], é preciso fazer intervir a relação com a exterioridade”.

Seria possível que, na leitura de *Caçadas de Pedrinho*, os leitores tivessem condições de compreender passagens discursivas racistas dentro de um contexto histórico/sociológico da época em que a obra foi escrita e a compreensão desses fatores discursivos, textuais e linguísticos seriam importantes para o reconhecimento da realidade de determinado período.

Um discurso só tem sentido se observado o que o antecedeu, pois “As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua” (Orlandi, 2005, p. 32). Com isso, não se pode preterir o contexto histórico que o antecedeu. Visto que “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro” (Orlandi, 2005, p. 62). Nenhum discurso está fechado em si, já que constitui um processo discursivo; e, como tal permite que sejam feitos recortes diferentes a cada análise e, principalmente, que se estabeleça relação entre língua, história e ideologia (Silva, 2008, p. 51).

Tomando esta como “função da relação necessária entre a linguagem e o mundo” (Orlandi, 2004, p. 31).

Vista como uma cartilha atualizada do Brasil as obras de Monteiro Lobato no campo das Letras vêm colecionando algumas adaptações e nesse estudo mais precisamente a reescrita de *Caçadas de Pedrinho*. Com a obra em domínio público pode-se observar a disparidade de textos na contramão da originalidade. Essa publicação de 1933 já é uma reescrita da publicação de 1924. Essa por sua vez (1924), não com teor de conotação racista, mas de ajustes na linguagem e cabível de metáforas, metalinguagem, onomatopeias e ao coloquialismo, e acrescentando à versão de 1933 fatos novos a narrativa¹⁷.

Segundo Zilberman (2005, p. 25), “As *Caçadas de Pedrinho* não nasceram com esse nome; foi primeiramente *A Caçada da Onça*, narrativa do rinoceronte Quindim, e o livro aumentou de tamanho e mudou o título”. Assim como muitas de suas obras (Monteiro Lobato), nasce, portanto dessa contínua reescrita.

Decerto, reescrita está relacionada ao processo de produção de um texto tendo por escopo a alteração (adição, supressão, deslocamento) de trechos de um texto original, mas conservando sua estrutura básica. Para Fiad e Barros (2003, p. 10) “a reescrita é uma

¹⁷ A assembleia dos bichos e a caça ao rinoceronte Quindim.

atividade metaenunciativa¹⁸ que constitui um retorno sobre o dizer (...). Ou seja, quando o próprio autor retorna aos seus escritos ou quando um outro autor retorna sobre o dizer de um autor.

Importante retornarmos a Reboul:

Ora, para ser persuasivo, o orador deve antes compreender os que lhe fazem face, captar a força da retórica deles, bem como seus pontos fracos. Esse trabalho de interpretação é feito por todos de modo mais ou menos espontâneo. Até a criancinha mostra ser um excelente hermeneuta, por exemplo quando percebe que a ameaça dos pais é aterradora demais para ser executada, ou quando interpreta uma frase do adulto no sentido que lhe convém. Para ser bom orador, não basta saber falar; é preciso saber também a quem se está falando, compreender o discurso do outro, seja esse discurso manifesto ou latente, detectar suas ciladas, sopesar a força de seus argumentos e sobretudo captar o não-dito (Reboul, 2004, p. XIX).

Como a escrita de Lobato e seus posicionamentos vêm sendo questionados hoje em dia, pois existem passagens em seus livros que revelam um pensamento racista e um Lobato no mínimo ambíguo e um tanto controverso. Mas essa polêmica provocada pela questão lobatiana, segundo Lajolo (2011, p. 12), “[...] é bem-vinda e oportuna: levanta uma questão crucial para os estudos literários relacionados ao binômio literatura/sociedade, literatura/educação, literatura e ética”. E com isso noções de possibilidades vieram à tona com a reescrita desse texto, colocando-o num patamar mais convincente de que não se pode ler o passado com o olhar do presente. Conforme Schwartzman (2012)¹⁹, analfabetismo histórico é “toda leitura que não é localizada histórica e socialmente”.

O próprio Lobato reescrevia²⁰ e fazia ajustes nos seus textos, logo se faz necessária uma observação atenta as várias formas que nesse livro vai se apresentar, pois não somente a autora aqui descrita reescreveu, outros autores fizeram suas adaptações visto que a obra em domínio público já deixa essa liberdade exposta.

Curioso notar, ainda, como Matêncio (2002, p. 113) conceitua a reescrita como atividade na qual se materializa uma nova versão do texto, “através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos que norteiam a produção original”.

¹⁸ Processo de construção de sentidos e de compreensão na interação falada. Realiza a categorização ou avaliação da própria enunciação realizada, assim essas avaliações classificam, nomeiam e constituem uma reflexão do produtor do texto. <https://dspace.mackenzie.br/handle>

¹⁹ Sugerimos a leitura de Schwartzman (2012) para complementar o entendimento da leitura de *Caçadas de Pedrinho* de Monteiro Lobato contextualizando ao momento histórico de produção.

²⁰ Isso foi mostrado em estudos sistematizados, como o de Milena Ribeiro Martins (1998), “Quem conta um conto...aumenta, diminui, modifica: O processo de escrita do conto lobatiano”. (Dissertação de Mestrado, Mimeo, Iel, Unicamp, 1998).

Busca-se, portanto, investigar as marcas discursivas da reescrita de *Caçadas de Pedrinho*, de Regina Zilberman (2020) a partir da comparação com o texto original. Contudo, deve-se ter cuidado para não perder as marcas originais do texto, pois partindo de conveniências exploratórias de termos pejorativos ou suavizados, a reescrita está sofrendo censura por parte de alguns por um olhar progressista, em busca de uma nova norma nem sempre conscientes da evolução da língua e suas interpretações.

6.1 De *Caçadas de Pedrinho* (1933, 2016) a *Caçadas de Pedrinho* (2020)

Quadro 7: E Era Onça Mesmo

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|---|--|
| Foi uma debandada. Cada qual tratou de si e, como se houvessem virado macacos , todos procuraram a salvação nas árvores. (2016, p. 30) | Foi uma debandada. Cada um tratou de si, procurando a salvação nas árvores. (p. 13) |
| - É hora! Avança, macacada! – gritou Pedrinho escorregando pela árvores abaixo. (2016, p. 33) | - É hora! Avança, turma! – gritou Pedrinho, escorregando pela árvore abaixo. (p.15) |

Fonte: autora 2023

Quadro 8: A volta para casa

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|---|--|
| Mais corajosa, a negra aproximou-se, viu que era mesmo onça e: - O mundo está perdido, Sinhá – murmurou de mãos os postas. – É onça mesmo... (2016, p. 39) | Mais corajosa, a cozinheira aproximou-se e viu que era mesmo uma onça: - O mundo está perdido! - murmurou, de mãos postas. - É onça mesmo...(p.18) |

Fonte: autora 2023

Quadro 9: Os espiões da Emília

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|---|---|
| - É guerra das boas. Não vai escapar ninguém – nem Tia Nastácia, que tem carne preta. (2016, p.54) | - É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém. (p. 24) |

Fonte: autora 2023

Quadro 10: A defesa estratégica

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|---|--|
| Não havia escolha possível e, apesar dos seus sessenta anos e dos seus vários reumatismos, a pobre Dona Benta teve de | Não havia escolha possível e, apesar dos seus anos e vários reumatismos, a pobre Dona Benta teve que subir rapidamente na |

| | |
|---|---|
| trepar na escada e ajeitar-se sobre o par de andaimes que Pedrinho lhe destinara. (2016, p. 67) | escada e ajeitar-se sobre o par de andaimes que Pedrinho lhe destinara. (p. 33) |
| Aí é que foi a dificuldade. A pobre negra era ainda mais desajeitada do que Rabicó e Dona Benta somados. (2016, p. 68) | Aí é que foi a dificuldade. Ela era ainda mais desajeitada do que Rabicó e dona Benta somados. (p. 33) |

Fonte: autora 2023

Quadro 11: Aparece uma nova menina

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|---|---|
| - Qual nada, Sinhá! – insistiu a negra. (2016, p. 73) | - Que nada! – insistiu a amiga . (p. 36) |
| - Lá isso é – resmungou a preta , pendurando o beijo. (2016, p.73) | - Lá isso é – resmungou ela . (p. 36) |

Fonte: autora 2023

Quadro 12: O assalto/O ataque das onças

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|--|--|
| Só então a pobre negra se convenceu de que tinha errado [...] As onças também trepariam pelos degraus. (2016, p. 82) | Só então Tia Nastácia se convenceu de que tinha errado. [...] As onças também subiriam pelos degraus. (p. 40) |
| - Trepe no mastro! – gritou-lhe a Cléo. (2016, p. 82) | - Suba no mastro! – gritou a Cléo. (p. 40) |
| Sim, era o único jeito – e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão , pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros. (2016, p. 82) | Sim, era o único jeito – e Ti Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, subiu pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão isso. (p. 40) |
| [...] uma velha branca e uma velha preta , Ótimo! (2016, p. 83) | [...] duas senhoras . Seria ótimo! (p. 41) |
| [...] O furrundu está dizendo que não aguenta mais e vai descer... (2016, p. 86) | (...) * |
| [...] a boa negra realmente não escaparia de virar furrundu de onça... (2016, p.87) | [...] a boa mulher não escaparia de virar sobremesa de onça...(p.43) |
| - E você, pretura? (2016, p. 87) | - E você? (p. 44) |

Fonte: autora 2023

Quadro 13: Emília vende o rinoceronte

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|---|---|
| A negra , que estava depenando uma galinha, nem a ouviu no começo; depois, como Emília amolasse, disse apenas, em tom de brincadeira... (2016, p. 103) | Ela estava depenando uma galinha e nem a ouviu no começo; depois, como Emília amolasse, disse apenas, em tom de brincadeira... (p. 51) |

| | |
|---|--|
| - Esse Marques de uma figa está precisando mas é de ir para o forno – dizia a preta , que nunca tomara muito a sério a fidalguia do leitão. (2016, p. 112) | (...)* |
| A negra , que nada sabia a respeito de rinocerontes, ofereceu-se para ir espantar o bicho com o cabo da vassoura. (2016, p. 113) | A amiga , que nada sabia a respeito de rinocerontes, ofereceu-se para ir espantar o bicho com o cabo da vassoura. (p. 57) |
| - E agora, Sinhá ? E agora, Sinhá ? – murmurava no meio dos credos e figarabudos e pelos-sinais que não cessava de murmurar e desenhar na cara e no peito. (2016, p. 113) | E agora? E agora – murmurava. (p. 57) |

Fonte: autora 2023

Quadro 14: O Rio de Janeiro é avisado

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|--|---|
| A negra teve um faniquito dos de cair desmaiada no chão. Ouvindo o baque de seu corpo, todos pularam da cama – e foi uma dificuldade fazê-la voltar a si. Desmaio de negra velha é dos mais rijos. Por fim acordou e, de olhos esbugalhados, disse, num fiozinho de voz... (2016, p.116) | Teve um faniquito dos de cair desmaiada no chão. Ouvindo o baque de seu corpo, todos pularam da cama – e foi uma dificuldade fazê-la voltar a si. Por fim, acordou e, de olhos esbugalhados, disse num fiozinho de voz... (p. 60) |
| - O tal de um chifre só na testa – respondeu a negra . – Estava aí fora quando abri a porta... (2016, p. 117) | - O tal de um chifre só na testa – respondeu a amiga . – O bicho estava aí fora quando abria porta. (p. 60) |

Fonte: autora 2023

Quadro 15: Inaugura-se a linha

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|--|-----------------------------------|
| - É isso mesmo, Sinhá – tornou a preta . – O meu cafezinho parece que tem visgo. (2016, p. 133) | (...)* |
| [...] A pobre preta mal teve tempo de trancar-se na despensa, onde fez, no escuro, mais pelos-sinais do que em todo o resto de sua vida. (2016, p. 135) | (...)* |

Fonte: autora 2023

Quadro 16: Rinoceronte familiar

| <i>Caçadas de Pedrinho</i> (1933. 2016) | <i>Caçadas de Pedrinho</i> (2020) |
|--|---|
| - Tenha paciência – dizia a boa criatura . – Agora chegou minha vez. Negro também é gente, Sinhá ... (2016, p. 149) | - Tenha paciência – disse ela . – Agora é minha vez. Também tenho direito. (p. 81) |

Fonte: autora 2023

Partindo dessa constatação, e na intensificação do fluxo, Segundo Pêcheux:

O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo (isto é, em uma relação transparente com a literalidade do significante, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas (*apud* Brandão, *op.cit.*, p. 77).

Linguagem, sentido e história caminham juntos. Disto “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. (...) O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (Orlandi, 2003, p. 215).

É relevante acrescentar, tanto Lobato como Zilberman tiveram a oportunidade de dar sentido ao texto; o primeiro articulando no livro episódios de sua vida e do contexto sócio-histórico brasileiro, o segundo levando em consideração a Constituição de 1988 (racismo é crime) não mais permitindo a linguagem pejorativa à identidade racial (negra).

6.2 Uma ideia que deu certo: o discurso sob medida (reflexões)

A cada tempo histórico existem padrões morais e éticos, ou seja, diferentes contextos históricos que irão influenciar na escrita de uma obra. Portanto, não foi diferente no início do século XX, a linguagem de Lobato dialogando com a representação do negro na sociedade vigente. O que hoje pode parecer estranho aos olhos do “politicamente correto”, visto que uma linguagem com conotação racista hoje é crime; conforme já descrito na Constituição de 1988, mais precisamente artigo 5º, inciso XLII (que a prática do racismo é crime inafiançável e imprescritível).

A base linguístico-moral, que também chamamos de padrões linguísticos contemporâneos dominantes, define o *politicamente correto*. Fica claro que nenhuma sociedade real existe sem uma medida do que seja o politicamente correto, isto é, da linguagem que é ou não aceita, de padrões do que é ou não ofensivo. Durante a escravidão, quando os negros sequer gozavam de direitos básicos da cidadania, o uso da linguagem derogatória não constituía problema moral e muito menos legal. Mesmo na época em que Lobato escreveu, começo do século XX, os negros encontravam-se em tal estado de marginalidade social que poucas condições tinham de vir a público de maneira organizada criticar tais práticas. [...] É natural que nos dias de hoje, após quase três décadas de normalidade democrática e de um avanço contínuo de direitos da cidadania em nosso país, o uso da linguagem racista se torne uma questão de relevância pública, pois ele contradiz exatamente a evolução moral e institucional de nossa sociedade (Feres; Nascimento; Eisenberg, 2013, p. 90).

Seus livros continuam mais “vivos” que nunca e embora carreguem valores de outros tempos, estão sendo, pois, colocados a “prova” com reescritas mostrando que sobreviveram. Principalmente quando se fala em Literatura infantil “há um limite que separa os livros sobreviventes dos livros vivos”, como lembra Lynn Hunt (2010, p. 96). Isso porque alguns temas fogem a valores e padrões pré-determinados por uma sociedade, levando-os a serem extintos de prateleiras e até mesmo fora de circulação.

Vale mencionar, uma obra torna-se “Cânone” e/ou “Clássica” quando lhe é permitida atravessar gerações no imaginário coletivo e sua possibilidade de permanência neste patamar dar-se por meio de diversas releituras ou reescritas. Com isso, nos chega “trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessam (ou simplesmente na linguagem ou nos costumes)” (Calvino, 2007, p.11).

Com a reescrita vê-se a possibilidade de atrair nas crianças a empatia, a leitura e a motivação no livro infantil com personagem negra. Retirando essa esnobe característica de teor racista na obra.

Ler, é compreender, é interagir, é construir significado para o texto, quando se invoca a natureza interativa do tratamento textual, é preciso ter em mente todos os tipos de conhecimento que o leitor utiliza durante a leitura – conhecimento e crenças sobre o mundo, conhecimentos de diferentes tipos de texto, de sua organização e estrutura, conhecimentos lexicais, sintáticos, semânticos, discursivos e pragmáticos (Dell Isola, 2011, p. 37).

Alquéres corrobora dizendo que:

Dizem que o gosto pela leitura é um hábito que se consolida a partir da prática cotidiana, devendo, portanto, ser estimulado desde a infância, até tornar-se uma necessidade. Muitos afirmam que os pais são os principais responsáveis pelo incentivo à leitura e que um bom leitor se faz, fundamentalmente, em casa (Alquéres, 2008, p. 11).

Em uníssonos voz, Zilberman (2003) diz que:

Pode-se supor, por conseguinte, que ela acabasse por refletir a época em que foi produzida. Que, com a incorporação de personagens contemporâneos, fosse introduzido na literatura infantil o sistema social vigente, com seus valores e comportamentos, organização políticas e funções (Zilberman, 2003, p. 157).

Explica-se o recorte na escolha da autora em parceria com os personagens de Mauricio de Sousa, e com um discurso livre de linguagem comprometedor na formação de

um leitor. Se as crianças discordam, questionam, podem ter voz para falar e se pronunciar; o que importa é dar voz à criança, dar espaço para ela refletir e pensar.

O conceito mais óbvio que a criança precisa ter é o de *tempo histórico*. Ela precisa entender que passado e presente não são a mesma coisa; que as coisas que existem hoje, num outro tempo não existiram; que as pessoas têm crenças e valores morais que se alteram com o passar do tempo e que a história pode ser pensada em termos de séculos atrás, de décadas ou até mesmo de anos atrás. A partir dessa premissa, partimos então para a tarefa de esmiuçar os conceitos que precedem esse *tempo histórico* e que alicerçam seu aprendizado (Feres; Nascimento; Eisenberg, 2013, p. 94).

A linguagem é parte de uma cultura e disso decorre toda sua heterogeneidade, mas, ao mesmo tempo,

[...] é também constitutiva da cultura no sentido de ser ela o principal elemento semiótico que dá liga à inúmeras relações sociais e dá forma signíca aos inúmeros processos imaginário-discursivos pelos quais os seres humanos, organizados socialmente, atribuem os mais diversos sentidos às suas condições existenciais e às suas experiências (Faraco, 2019, p. 52).

Alertando sobre organização social, Feres, Nascimento e Eisenberg esboçam que:

Uma vez determinada a centralidade da linguagem na cognição e comportamento da criança, cabe agora focar o desenvolvimento da noção de tempo e a compreensão do tempo histórico. Mas especificamente, interessa saber como a criança passa a entender o tempo linear e cíclico que caracteriza nossa cultura. Pois é somente pela compreensão da forma como nossa sociedade organiza o tempo que a criança terá condições de compreender o racismo do passado, que podia ser abertamente expressado sem cuidado com o respeito ao outro; compreender o tempo presente e como o racismo existe nele; finalmente, compreender as diferenças entre passado e presente, tornando-se assim capaz de relativizar e colocar em perspectiva conteúdos linguísticos e práticos (Feres; Nascimento; Eisenberg, 2013, p. 93-94).

Ainda em sua incursão, os autores chamam atenção para o fato:

Em *A Construção do Pensamento e da Linguagem*, Leo S. Vygotsky (2009[1934]) argumenta que a linguagem se origina nas interações sociais e é aos poucos internalizada na forma de significados e palavras. Nesse processo, a linguagem entra em diálogo com o pensamento organizando-o em conceitos, concepções de mundo etc. Deste modo, a criança não tem acesso direto a um “mundo” puro e atemporal, mas o entende dentro dos limites e das mediações impostas pelos materiais que o constituem, da história que o formou e da linguagem que o organiza (Feres; Nascimento; Eisenberg, 2013, p. 90).

Se é verdade que a linguagem entra em diálogo com o pensamento, não é menos verdade a predominância da noção de tempo histórico, não é, portanto, acidental a visão diacrônica de Zilberman.

Em suma, procurou-se, refletir as mudanças linguísticas e discursivas ocorridas com a reescrita e/ou refacção do texto *Caçadas de Pedrinho* de Regina Zilberman (2020), visto que ao reescrever o texto pode-se confirmar ou indagar as visões da época. Na reescrita de Zilberman fica nítido (agora minha ressalva) que o tempo presente não permite a caça a um animal silvestre (é crime), portanto, cabível de penalidade, e muito menos a agressividade com que tal ato acontece. E a autora se preocupou em excluir todas as passagens que direcionassem ao ato de crueldade.

Ambientada nesse contexto, Zilberman considera sua reescrita longe dos padrões de um discurso artificial inerente ao relato original (1933), defende com veemência a personagem sentenciosa Tia Nastácia, singelamente abusada na linguagem estereotipada. Na reescrita a autora direciona com singeleza seu discurso. Não é um texto anódino, muito pelo contrário também mostra uma linguagem com necessária vinculação ao contexto histórico, com respeito aos direitos e dignidade ao negro.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os efeitos da ideologia na literatura infantil lobatiana, ainda, vai se perpetuar por um bom tempo, mas nada que não possa ser sempre revisitada com carinho e cuidado que o texto sugere. O trabalho do MEC (Ministério da Educação e Cultura) através do Parecer 15/2010 (já citado anteriormente) pode ter pecado, por não terem ouvido profissionais da educação ao redigir o referido documento. Evidenciado de certa forma, que a criança nessa fase de desenvolvimento não tem noção formada de prática de racismo.

Para tanto, valho-me, inicialmente, de algumas considerações fundamentais a respeito do processo de Reescrita e de Análise do Discurso. Isso porque ao suprimir passagens, deixa-se o texto mais suave, mas por outro lado tiram a capacidade da criança de usar de seu criticismo, de desnudar, nas entrelinhas do texto um momento da história que foi retratado numa narrativa que ao mesmo tempo fantasiosa, nos leva a uma triste realidade de seu tempo.

Assim, além de Monteiro Lobato ser um homem com um projeto além de seu tempo, tem Regina Zilberma uma visionária moderna. Esse estudo nos deu possibilidades de leitura da obra tanto por um viés sócio político quanto crítico. E a Literatura se vale de todas as dimensões que um texto possa carregar.

Esta pesquisa empreendida trouxe à tona, tanto para a academia como para os futuros professores, o trabalhar no âmbito da contextualização das Leis 10.639/03²¹ e 11.645/08²² bem como no ressaltar esse triste incômodo da ideologia preconceituosa do início do século XX, ou seja, vermos o negro hoje com a reescrita desse texto foi salutar, pois estamos à beira de um caminho sem volta, um tema que nos deixou com um cisco na retina dos olhos. Não se é mais permissível, mesmo diante de uma constelação chamada Monteiro Lobato, ressentimentos em dada medida de um “imediatismo”, onde os austeros volumes de edições da obra, não sejam capazes de postular crenças, mas sim os rótulos que nos guiaram para as análises.

A reescrita de Zilberman é um projeto mais sóbrio de comunicação, sutil, de linguagem amena, ela consegue que elementos de fantasia estejam presentes a cada página sem grandes malabarismos mentais. Não faz das crianças títeres e sim fazedoras de histórias.

²¹ Lei 10.639/03 inclui obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Em: <http://portal.mec.gov.br>>

²² Lei 11.645/08 altera a Lei 10.639/03 para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Em: <http://portal.mec.gov.br>>

Logo, muito mais que, simplesmente, mobilizar, Zilberman (2020) propõe uma versão mais humanizada do texto considerando as especificidades e as finalidades que presidem o momento atual da literatura infantil. Assim, fica evidente quem conquanto seja desafiador, é essencial que se programe e desarticule a ausência da criança no texto; capaz de ter voz e interpretação a seu modo.

Há que pontuar também, que outros possam dar continuidade a essa pesquisa se aprofundando em discurso e ideologia como sugerido para leitura o artigo no Scielo: Biasi-Rodrigues, Bernadete e Bezerra, Benedito Gomes. Propósito comunicativo em análise de Gêneros. *Linguagem em (Discurso [online])*. 2012 v. 12, n. 1 [Acessado em julho 2023], p. 231-249.

A guisa de finalização com o texto de Regina Zilberman o mundo se faz mais mundo, mais humano, sensível à vida e a identidade do próximo. Dizer que a reescrita de Zilberman é o que tem de melhor na atualidade da Literatura Infanto Juvenil talvez seja uma afirmativa necessária para que se possa dar voz a uma temática (Racismo) que levou ao amadurecimento do Estado Democrático de Direito.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C. P. **A Figura do Negro na obra “Caçadas de Pedrinho”, de Monteiro Lobato**: reflexões sobre sua mediação no contexto escolar. 2018. 78 f. Monografia (Curso Pedagogia)- Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).
- ALQUÉRES, Hubert. Por uma nação de leitores. *In*: AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008, p. 11-12.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BATISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. **Manobras e estratégias de autoria**: a singularidade do sujeito na produção escrita em língua espanhola, 2005.329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000362871>. Acesso em: 03/07/2023.
- BRANDÃO, H. H. N. “Análise do discurso: um itinerário histórico”. *In*: PEREIRA, HELENA B. C. e ATIK, M. LUIZA (orgs.). **Língua, literatura e cultura em diálogo**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2003.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2004.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro. Brasília, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. **Lei Federal nº 10.639/03**, de 9 de janeiro de 2003. Ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira, Brasília: MEC/SEF, 2003.
- BRASIL. **Lei Federal nº 11.645/08**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei 10.639 para incluir obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e indígena. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2008.
- BRASIL, Ministério da educação. **Parecer CNE/CEB nº 15/2010**. Aprovado em 1 set. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=comdocman&gid+6702&itemid=>. Acesso em: 31/10/2023.
- CADEMARTORI, L. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. Conversas com o professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. Scipione, 1989.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CÂMARA, Joaquim. **Dicionário de Filologia e Gramática**. Rio de Janeiro: Ozo, 1968.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A república do picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CAMPOS, E. A relação entre o processo e o produto na escrita do texto. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 3, p. 1-2, jun. 1986.

CASTILHO, S. D. A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 103-113, 2004.

CERVO, A. L.; BERBIAN, P. A. ; DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COSTA VAL, M. Avaliar redações: uma questão mais ampla do que parece. **Dois pontos**, p. 82-84, jul/ago 1997.

CUNHA, C. F. **Gramática da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.

D'ANDREA, Carlos F. B.; RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. **Veredas – Atemática**, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 64-74, 2010.

D'ELIA, Maria Eugênia Ribeiro. **O texto do professor no texto do aluno: intenções e significados**. 2007. 104 f. Dissertação (mestrado em educação) – Faculdade de educação, Universidade Estadual de Campinas, 2007. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code+vtls000416162>. Acesso em: 3 jul. de 2023.

DELL'ISOLA, R. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DELL ISOLA, Regina Lúcia. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato, 2011.

DIWAN, P. **Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. São Paulo: Contexto, 2007.

ECO, H. **A busca da língua perfeita na cultura europeia**. Trad. Antonio Angonese. Bauru: edusc, 2002.

ESVAEL, E. V. S. **Pontuação na escrita de universidade: a função enunciativa da vírgula**. Dissertação de mestrado. USP, 2005.

FABRE, C. “Des variantes de bouillon au cours préparatoire”. **Études de linguistique appliquée**, vol.62, pp. 59-79, Avril-Juin, 1986.

FABRE, Claudine. La réécriture dans l'écriture: lê cãs des ajouts dans les écrits scolaires. Em: **Études de Linguistique Appliquée 68**, Paris: Didier Érudition, 1987.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. UNB: Brasília: 2001.

FARACO, C. A. **História do Português**. São Paulo: Parábola, 2019.

FERES, João Júnior. ; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. ; EISENBERG, Zena Winoma. Monteiro Lobato e o Politicamente Correto. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 56, nº 1, 2013, pp. 69 a 108.

FIAD, R. S. Operações linguísticas Presentes nas Reescritas de textos. **Revista internacional de Língua Portuguesa**. Associação das Universidades de Língua Portuguesa, n. 4, p. 91-97, 1991.

FIAD, R. S.; BARROS, J. S. O papel da intercalação na reescrita. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. V. 3, n, 1, p. 9-23, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1990.

FIORIN, J. L. Tendências da análise do discurso. **Estudos Linguísticos**, v. 19, p. 173-9, 1990.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmos. **A escrita e o outro**: os modos de participação na construção de texto. Brasília: editora da UnB, 1998.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.

GERALDI, João Wandelely (Org). **O texto na sala de aula**: leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDIM, José Roberto. **Eugenia**. 19 abr.. 1998. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm>. Acesso em: 26/10/2023.

GOLVEA, M. C. S. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, jan./abr. 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/fMtvUY>>. Acesso em: 30/10/2023.

GUIMARÃES, A. H.; BATISTA, R. (Org.). **Língua e literatura**: Machado de Assis na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**: uma história. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

KOCK, Ingedore Vilanca; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa. Marisa Lajolo fala sobre a obra de Monteiro Lobato. 24 de maio 2011. **Nova Escola**. São Paulo, 24 maio 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=aKAUuOTQ3Vs>. Acesso em: 31/10/2023.

LOBATO, M. **Caçadas de Pedrinho**. 6.ed. São Paulo: Globinho, [1933] 2016.

LOBATO, M. **A Barca da Gleyre: Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel**. São Paulo: Brasiliense, 1951. 2 v.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita – atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARINHO, João Carlos. “Conversando de Lobato”. In: DANTAS Paulo. **Vozes do tempo de Lobato**. São Paulo: Traço, 1982.

MARTINS, Nilce Sant’Ana. “**A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato**”. (Tese de Doutorado. USP, 1972).

MARTINS, Milena Ribeiro. “**Quem conta um conto...aumenta, diminui, modifica: O processo de escrita do conto lobatiano**”. 1998. (Dissertação de Mestrado). Mimeo. Unicamp, São Paulo, 1998.

MATÊNCIO, M. L. M. Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 25-32, 2002.

MELO, F. I. de. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. **Revista eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna**, n. 11, 2 sem. 2009. Disponível em: <http://www.lettramanga.com/adeacd.pdf>. Acesso em: 26/10/2023.

MENEGASSI, R. J. “Da revisão à reescrita: operações linguísticas sugeridas e atendidas na construção do texto”. **Mimesis**, Bauru, vol. 22, n.1, pp. 49-68, 2001.

MENEGOLO, Elizabeth Dias Wallace; MENEGOLO, Leandro Wallace. O significado da reescrita de textos na escola: a (re) construção do sujeito autor. **Ciências & Cognição**. V. 5, p. 73 – 79. Março/2005. Disponível no site: www.cienciasecognicao.com.org. Acesso em: 04/07/2023.

MITTMANN, Solange. Nem lá, nem aqui: o percurso de um enunciado. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

MOTA, Carlos Guilherme; SALINAS, Natacha Schimitt Caccia. **Os juristas na formação do Estado-nação brasileiro: 1930 – dias atuais**. São Paulo: Saraiva, 2010.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, M. A. J. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade do estado da Bahia, Salvador, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento de sentidos**. Campinas: ED. Da Unicamp, 1992.

ORLANDI, Eni Peccinelli. **Análise de discurso: princípio e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: O Brasil**. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISES DE DISCURSO, 1, 2003. Disponível em: http://spider.ufrgs.br/discurso/evento/conf_04/eniorlandi.pdf. Acesso em: 24//10//2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação; autoria, leitura e efeito do trabalho simbólico**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria e efeitos do trabalho simbólico**. 5. Es. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, J. J. **Análise do discurso político – o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos, SP: EdufScar, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/download//28682/173665>. Acesso em: 24//10/2023.

PAULINO, M. G. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. In: **Revista Portuguesa de Educação**, v. 17, n. 1, Braga (Portugal, 2004, p. 47-62).

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas. Ed. Da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1997. p. 61-105.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2011.

POSSENTI, Sírio. Índícios de autoria. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p.111 – 129, jan./jun. 2002. Disponível em: http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2002_01/20_texto_possentti.pdf. Acesso em: 03/07/2023.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RICOEUR, P. **Hermeneutics and the human sciences**. Paris: Cambridge University Press, 1981.

RODRIGUES, B.; BEZERRA, B.; GOMES, B. Proposta comunicativa em análise de gêneros. **Linguagem em (Discurso)**[online]. 2012. V. 12, n. 1 [Acessado em julho 2023], pp. 231-249.

SCHWARTSMAN, H. Analfabetismo histórico. **Folha de S. Paulo**, 19 set. 2012. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/1155398-analfabetismo-historico.shtm>. Acesso em: 05/07/2023.

SILVA, Luciana França Alborghetti. **Representações de infância em Monteiro Lobato**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, 2008.

SILVA, Obdália S. F. Os ditos e os não ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem. **R. Faced**. Salvador, n. 14, p. 39-53, jul/dez. 2008.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**; tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1976.

SOUSA, Cynthia Pereira de (Org.). **História da educação: processos, práticas e saberes**. São Paulo: escrituras, 1998.

TULLY, J. (Ed.). **Meaning and Context: Quentin Skinner and his critics**. Cambridge: Princeton University Press, 1988.

VALENTE, Thiago. **Monteiro Lobato: um estudo de A chave do tamanho**. São Paulo: Unesp, 2011.

VAN DIJK, T. A. Discurso das elites e racismo institucional. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Org.). **Discurso e (des) igualdade social**. São Paulo: Ed. Contexto, 2015.

VASCONCELOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço, 1982.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. (2009) [1934], **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes.

ZIBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11.ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. (org.). **Como e porque ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **Caçadas de Pedrinho**. Barueri, SP: Girassol, 2020.